

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Cav DOUGLAS MOSSI RODRIGUES

**O EMPREGO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA EM
OPERAÇÕES DE SEGURANÇA**

Rio de Janeiro

2021

CAP CAV DOUGLAS MOSSI RODRIGUES

**O EMPREGO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA EM
OPERAÇÕES DE SEGURANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais como requisito parcial para a
obtenção do grau especialização em
Ciências Militares.

Orientador: Cap Cav Alexandre Tito
Moreira do Canto

Rio de Janeiro

2021

CAP CAV DOUGLAS MOSSI RODRIGUES

**O EMPREGO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA EM
OPERAÇÕES DE SEGURANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais como requisito parcial para a
obtenção do grau especialização em
Ciências Militares.

Aprovado em _____ de _____ de 2021

Comissão de Avaliação

DANIEL MENDES DE AGUIAR SANTOS – Ten Cel Cav
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
Presidente

ALEXANDRE TITO MOREIRA DO CANTO- Cap Cav
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
1º Membro

RAFAEL SIQUEIRA MARQUES- Maj Cav
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
2º Membro

RESUMO

O presente trabalho aborda o emprego do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista no contexto das Operações de Segurança em prol da Brigada de Infantaria Pára-quedista. O objetivo do estudo foi analisar a doutrina vigente sobre este tipo de Operação e atualizar a mesma, gerando o capítulo sobre Segurança para o Manual do Esqd C Pqdt. Para isso, foram analisadas as experiências de ex-integrantes do Esquadrão, as atualizações no equipamento militar em benefício destas Op e a doutrina das tropas de Cavalaria Mecanizada e paraquedista Norte-Americanas. No que se refere a coleta de dados, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa. O trabalho foi desenvolvido por meio de estudo bibliográfico e documental, tendo como método a leitura exploratória e a seletiva do material pesquisado, assim como foram aplicados questionários a Oficiais ex-integrantes do Esquadrão supracitado. Ao final da pesquisa, foi possível identificar as atualizações necessárias a serem feitas no Manual do Esquadrão, alinhadas à doutrina moderna dos Regimentos de Cavalaria Mecanizada Brasileiro e à de tropas norte-americanas experimentadas em combate.

Palavras-chaves: Esquadrão de Cavalaria Paraquedista. Segurança. Manual.

ABSTRACT

The present work addresses the deployment of the Airborne Cavalry Squadron regarding security operations conducted by the Airborne Infantry Brigade. The paper's purpose was to study the present doctrine concerning this nature of operation and perform an update, creating the chapter on security operations for the new Field Manual for the 1st Airborne Cavalry Squadron. To achieve this purpose, past experiences from former Squadron members and upgrades of the military equipment deployed in security operations were analyzed, along with the United States Army mechanized and airborne cavalry current doctrine. Regarding the data gathered, the research had a qualitative approach. The research was developed through a bibliographical and documental review, submitted to exploratory and selective interpretative readings, alongside a questionnaire with officers who have been former Squadron members. As a conclusion, it was possible to identify the updated needed for the Squadron Field Manual, aligned with modern Brazilian Mechanized Cavalry Regiments doctrine and with north american combat experienced military.

Keywords: Airborne Cavalry Squadron. Security. Manual

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|----------------------------------------------------------|----|
| ORGANOGRAMA 1 – ORGANIZAÇÃO DO ESQD C PQDT | 19 |
| ORGANOGRAMA 2 - O PEL C PQDT | 19 |
| ORGANOGRAMA 3 - O PEL C AP | 20 |
| QUADRO 1 - TIPOS DE OPERAÇÕES AEROTERRESTRES | 32 |
| FIGURA 1 - PLANO DE OPERAÇÕES <i>MARKET GARDEN</i> | 34 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| GRÁFICO 1 – O ESQD C PQDT COMO F SEG DA BDA INF PQDT | 39 |
| GRÁFICO 2 – O GRAU DE IMPORTÂNCIA DAS CARACTERÍSTICAS DO ESQD C PQDT PARA AS OP SEG..... | 39 |
| GRÁFICO 3 – O ESQD C PQDT NA F COB | 40 |
| GRÁFICO 4 – O ESQD C PQDT COM MRT P 120MM..... | 40 |
| GRÁFICO 5 – O ESQD C PQDT EXECUTANDO UMA AÇÃO RETARDADORA LIMITADA | 41 |
| GRÁFICO 6 – NOVOS MEIOS DO ESQD C PQDT | 42 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------------|-------------------------------------------------|
| Art Cmp | Artilharia de Campanha |
| Bda | Brigada |
| Bda Inf Pqdt | Brigada de Infantaria Pára-quedista |
| Bl Pqdt | Batalhão de Infantaria Paraquedista |
| Bld | Blindada |
| C Dan | Controle de Danos |
| Cia Prec Pqdt | Companhia de Precursores Pára-quedista |
| C Pnt Ae | Cabeça-de-Ponte Aérea |
| Cmt Bda | Comandante da Brigada |
| DE | Divisão de Exército |
| Def AR | Defesa da Área de Retaguarda |
| EM | Estado-Maior |
| Eng Cmb | Engenharia de Combate |
| Esc | Escalão |
| Esc Sp | Escalão superior |
| Esc Sup | Escalão de suprimento |
| Esqd C Mec | Esquadrão de Cavalaria Mecanizado |
| Esqd C Pqdt | Esquadrão de Cavalaria Paraquedista |
| F Cob | Força de Cobertura |
| F Ptç | Força de Proteção |
| F Seg | Força de Segurança |
| Fg | Flancoguarda |
| FOpEsp | Forças de Operações Especias |
| FT | Força-Tarefa |
| FT SU Bld | Força-Tarefa de Subunidade Blindada |
| IRVA | Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos |
| LAADA | Limite Anterior da Área de Defesa Avançada |
| OM | Organização Militar |
| Op Aet | Operação Aeroterrestre |

| | |
|-----------|-----------------------------------------------------|
| Op Seg | Operação de Segurança |
| PAC | Posto Avançado de Combate |
| PAG | Posto Avançado Geral |
| Pel C Ap | Pelotão de Comando e Apoio |
| Pel C Sv | Pelotão de Comando e Serviço |
| Pel Mrt P | Pelotão de Morteiro Pesado |
| Rtg | Retrógrado |
| Seg AR | Segurança da Área de Retaguarda |
| SVT | Seção de Vigilância Terrestre |
| Tu Cçd | Turma de Caçadores |
| TU SARP | Turma de Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas |
| Vgd | Vanguarda |
| Vig | Vigilância |
| Vtr | Viatura |
| Z Aç | Zona de Ação |
| Z Dbq | Zona de Desembarque |

SUMÁRIO

| | | |
|---------|---------------------------------------------------------------------|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 | PROBLEMA..... | 12 |
| 1.2 | OBJETIVOS..... | 12 |
| 1.2.1 | Objetivo geral | 13 |
| 1.2.1.1 | Objetivos específicos..... | 13 |
| 1.3 | QUESTÕES DE ESTUDO..... | 13 |
| 1.4 | JUSTIFICATIVA..... | 14 |
| 2 | METODOLOGIA | 14 |
| 2.1 | OBJETIVO FORMAL DE ESTUDO..... | 14 |
| 2.2 | AMOSTRA..... | 15 |
| 2.3 | DELINEAMENTO DA PESQUISA..... | 15 |
| 2.4 | PROCEDIMENTO PARA REVISÃO DE LITERATURA..... | 16 |
| 2.5 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 16 |
| 2.6 | INSTRUMENTOS..... | 17 |
| 2.7 | ANÁLISE DE DADOS..... | 17 |
| 3 | REFERENCIAL TEÓRICO | 17 |
| 3.1 | O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA..... | 18 |
| 3.1.1 | Organização do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista | 18 |
| 3.1.1.1 | O Pelotão de Cavalaria Paraquedista | 19 |
| 3.1.1.2 | O Pelotão de Comando e Apoio | 20 |
| 3.1.2 | Características do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista | 21 |
| 3.1.3 | Possibilidades do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista | 21 |
| 3.1.4 | Limitações do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista | 22 |
| 3.2 | OPERAÇÕES DE SEGURANÇA..... | 23 |
| 3.2.1 | Fundamentos das Operações de Segurança | 25 |
| 3.2.2 | Forças de Segurança | 25 |
| 3.2.3 | Força de Cobertura | 27 |
| 3.2.4 | Forças de Proteção | 27 |
| 3.2.5 | Força de Vigilância | 28 |

| | | |
|-------|-------------------------------------------------------------------------|----|
| 3.2.6 | Força de Ligação | 28 |
| 3.2.7 | Força de Segurança de Área na Defesa de Área de Retaguarda | 29 |
| 3.2.8 | Força dos Postos Avançados de Combate | 29 |
| 3.3 | OPERAÇÕES AEROTERRESTRES | 30 |
| 3.3.1 | Tipos de Operações Aeroterrestre | 31 |
| 3.3.2 | Fases de uma Operação Aeroterrestre | 32 |
| 3.3.3 | Escalonamento dos meios da Força Aeroterrestre | 32 |
| 3.4 | OPERAÇÃO MARKET GARDEN - ESTUDO DE CASO | 33 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES | 36 |
| 4.1 | IMPORTÂNCIA DAS OPERAÇÕES DE SEGURANÇA NAS OP AET ... | 36 |
| 4.2 | O ESQD C PQDT COMO FORÇA DE SEGURANÇA DA BDA INF PQDT | 37 |
| 4.3 | A ATUALIZAÇÃO DA IP 2-33 | 37 |
| 4.4 | QUESTIONÁRIO PARA EX INTEGRANTES DO ESQD C PQDT | 38 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| | REFERÊNCIAS | 43 |
| | APÊNDICE A – PROPOSTA DE CAPÍTULO | |
| | Erro! Indicador não definido. | |

1 INTRODUÇÃO

O 1º Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista (Esqd C Pqdt) foi criado pela Portaria nº 074 do Estado-Maior do Exército em 21 de dezembro de 1981. Inicialmente, ficava localizado junto às instalações do Comando da Brigada de Infantaria Pára-quedista (Bda Inf Pqdt) mas, tempos depois, foi transferido para suas atuais instalações.

A localização do 1º Esqd C Pqdt, no Rio de Janeiro, justifica-se pela localização das Bases da Força Aérea Brasileira (FAB), que hospedam esquadrões de transporte e, conseqüentemente, fornecem a mobilidade estratégica à brigada, bem como viabilizam o adestramento necessário à manutenção da capacidade operativa de realizar salto de paraquedas. As Bases Aéreas do Rio de Janeiro, em particular a Base Aérea dos Afonsos, servem de local de embarque em aeronaves da FAB para fazer o deslocamento estratégico para alguma área de operações remota, bem como servir de local de embarque para adestramento de salto da tropa em aeronaves mobilizadas para tal fim. A OM localiza-se junto ao berço do paraquedismo militar no Brasil. Encontra-se na mesma sede do Comando da Bda Inf Pqdt, próxima dos meios aéreos que permitem o deslocamento estratégico para qualquer ponto do território nacional em curto espaço de tempo, além de facilitar o adestramento. O 1º Esqd C Pqdt possui a denominação histórica Esquadrão Cel Osiris, conforme aprovado pela Portaria Nº 033 de 18 de janeiro de 2018, do Comandante do Exército Brasileiro (VICENTE, 2009, p. 54 apud GRIZOTTI, 2019, p. 2).

Esta Organização Militar (OM) se destaca por ser a única Unidade de Cavalaria Paraquedista. Ela está apta a cumprir todas as missões atribuídas à arma, tendo como características a potência de fogo, em função de seu armamento orgânico, a mobilidade tática, devido à infiltração aeroterrestre nas operações, proteção blindada (Bld), garantida por suas viaturas (Vtr), ação de choque, flexibilidade, devido à constituição dos Pelotões de Cavalaria Pará-quedista e um sistema de comunicação amplo e flexível, facilitado pelos modernos meios de comando e controle acoplados às viaturas blindadas.

O manual do Exército Brasileiro, EB70-MC-10.223 (BRASIL, 2017a, p. 4-3), apresenta que a Operação de Segurança (Op Seg) “[...] consiste numa operação militar que tem por objetivo geral a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal”. E, como pode-se ver no manual A Cavalaria nas Operações, “[...] a tropa de Cavalaria mais vocacionada para realizar Operações de Segurança é a C Mec, em função da sua organização e seus meios orgânicos” (BRASIL, 2018a, p. 4-4).

Levando em consideração o que foi o dito por Brasil (1994, p. 1-5): “[...] as características do Esqd C Pqdt são as mesmas do Esqd C Mec”, parte-se do pré-suposto de que a tropa mais vocacionada a cumprir as Op Seg na Bda Inf Pqdt é o Esqd C Pqdt.

Com base nas questões acima citadas, a presente pesquisa teve por finalidade desenvolver o capítulo doutrinário do manual do Esqd C Pqdt acerca das Operações de Segurança, com ênfase na tática, dentro das possibilidades, limitações e características desta tropa em prol da Bda Inf Pqdt.

1.1 PROBLEMA

A crescente demanda operacional da tropa, aliada à evolução da doutrina de combate baseada nos modernos materiais militares e avanços tecnológicos, exige um manual de campanha que prepare a tropa para emprego de seus ensinamentos. Sendo a Bda Inf Pqdt um dos grupamentos mais modernos do Exército Brasileiro, é possível notar que ela necessita de uma doutrina consolidada, assim como o Esqd C Pqdt.

Tendo em vista a necessária atualização doutrinária para o Esqd C Pqdt, é possível apontar o seguinte problema de pesquisa que norteou este trabalho: quais são as atualizações em manual doutrinário, relativas às Operações de Segurança, que se fazem necessárias para a melhor organização e emprego do Esqd C Pqdt em proveito das Operações Aeroterrestres (Op Aet)?

1.2 OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivo embasar a inscrição de um capítulo para o manual de Campanha do Esquadrão de Cavalaria paraquedista, sobre o assunto Operações de Segurança.

1.2.1 Objetivo geral

Atualizar a doutrina do Esqd C Pqdt com base na análise da evolução do combate por meio do estudo das normas de tropas paraquedistas estrangeiras, adaptado às características, possibilidades e limitações do esquadrão, o que resultou no produto final: a elaboração do capítulo de segurança para o manual do Esqd C Pqdt.

1.2.1.1 Objetivos específicos

- a) analisar as características, possibilidades e limitações do Esqd C Pqdt no contexto das Operações de Segurança;
- b) revisar casos históricos, contextualizando com as atualizações do combate e adequando para as particularidades do Esqd C Pqdt;
- c) revisar os novos meios de emprego militar disponíveis e suas colaborações nas Operações de Segurança;
- d) apresentar proposta de capítulo abordando Operações de Segurança para o manual do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista.

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

- a) como o Esqd C Pqdt atua nas Operações de Segurança em uma Op Aet em prol da Bda C Pqdt?
- b) quais as doutrinas de forças estrangeiras se assemelham e se adaptam à realidade operacional das tropas paraquedistas brasileiras?
- c) de que maneira os meios modernos e as doutrinas estrangeiras podem atualizar a doutrina existente na IP-2-33 — Esquadrão de Cavalaria Para-Quedista (BRASIL, 1994)?

1.4 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justificou pela não existência de um manual do Esqd C Pqdt e pela necessidade de atualização da IP-2-33 — Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista (BRASIL, 1994) no que diz respeito às Operações de Segurança.

2 METODOLOGIA

Ao longo deste capítulo, foram descritos os métodos utilizados para a realização da pesquisa e solução do problema apresentado. As estratégias usadas para se chegar ao produto final foram apresentadas de maneira clara e objetiva, evidenciando a solução do problema, apontando critérios adotados, estratégias e instrumentos utilizados.

O capítulo se estrutura da seguinte forma: objeto formal de estudo, amostra, delineamento da pesquisa, procedimentos para a revisão da literatura, procedimentos metodológicos, instrumentos e análise de dados.

2.1 OBJETIVO FORMAL DE ESTUDO

O objetivo formal deste estudo foi a construção de um capítulo para o manual de Campanha do Esqd C Pqdt, por meio da análise e estudo de casos de tropas de Cavalaria e paraquedistas norte-americanas, análise de doutrina de tropas mecanizadas do Brasil, experiências empíricas de ex-integrantes do Esquadrão, adaptando às características, possibilidades e limitações do Esqd C Pqdt nas Op Seg.

Os dados colhidos em estudos de casos e lições aprendidas com tropas experientes em combate, conduziram os trabalhos de atualização da doutrina atual, utilizando o Esqd C Pqdt como variável dependente do estudo e as Op Seg como variável independente.

2.2 AMOSTRA

As amostras desta pesquisa foram compostas por militares de tropas paraquedistas de características similares às do Exército Brasileiro, que empregam blindados e realizam operações de segurança em prol do objetivo principal. Sendo assim, as tropas de Cavalaria de reconhecimento dos Estados Unidos da América foram utilizadas como parâmetro de estudo para comparação de doutrina de preparo e emprego.

A experiência dos militares integrantes e ex-integrantes do 1º Esqd C Pqdt, principalmente nas funções de Comandante, Oficial de Operações e Comandante de Pelotão também foram consideradas.

2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa fez uso do método indutivo de abordagem onde, por meio da análise de conteúdo, foi possível retificar ou ratificar a doutrina vigente do Esqd Pqdt, fornecendo, assim, uma proposta de manual de campanha.

Quanto à forma de abordagem, seguiu-se a linha qualitativa, devido à subjetividade do assunto e a escassez de amostras variáveis, passíveis de serem computadas e analisadas de maneira a colaborar com a atualização de doutrina.

No que diz respeito ao objetivo geral, a construção do capítulo para o manual foi conduzida de maneira simples, objetiva e explicativa, sem retirar do comandante a liberdade de decisão.

Nos procedimentos técnicos, a análise bibliográfica documental ocorreu por meio da coleta de documentos e estudo de caso. Esta foi a base para coleta e análise de informações importantes que auxiliaram no entendimento e comparação de melhores maneiras para se conduzir uma operação de segurança.

2.4 PROCEDIMENTO PARA REVISÃO DE LITERATURA

Os manuais descritos abaixo foram a base para a revisão de literatura e a construção deste trabalho:

Em manuais de 1º nível, foram elencados como os de fundamentos úteis o EB-MF-10.102 - Doutrina Militar Terrestre de 2019 (BRASIL, 2019c) e o EB20-MF-03.109 - Glossário de termos e expressões para uso no Exército de 2018 (BRASIL, 2018b).

No 2º nível destacaram-se o EB70-MC-10.223 – Operações (BRASIL, 2017a) e o EB70-MC-10.217 - Operações Aeroterrestres (BRASIL, 2017b), ambos de 2017, e o EB 70-MC-10.222 - Cavalaria nas Operações (BRASIL, 2018a) do ano de 2018.

Já no 3º e último nível, serviram como referência os manuais EB 70-MC-10.309 - Brigada de Cavalaria Mecanizada (BRASIL, 2019b) lançado em 2019, o EB 70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado (BRASIL, 2020b) de 2020, o C 2-36 – Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec) (BRASIL, 1982) de 1982, o IP 2-33 – Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista de 1994 (BRASIL 1994) e, por último, o FM 3-99 - *Airborne Assault Operations* (HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY, 2015) lançado nos Estados Unidos em 2015.

2.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em um primeiro momento, foi analisado o material já existente, que aborda a doutrina utilizada atualmente no Esqd Pqdt, usando como base a IP-2-33 - Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista (BRASIL, 1994) escrita em 1994. Em seguimento, foram buscadas referências quanto a definição, características e finalidades das Op Seg no manual EB70-MC-10.223 – Operações (BRASIL, 2017a). Já para entender sobre o papel de uma tropa de Cavalaria Mecanizada em Op Seg, foi utilizado o manual EB70-MC-10.354 - Regimento de Cavalaria Mecanizado (BRASIL, 2020b).

De forma a complementar o processo de entendimento sobre os diferentes âmbitos da pesquisa, o manual EB70-MC-10.217 - Operações Aeroterrestres (BRASIL, 2017b) foi estudado para trazer a este trabalho questões acerca da função do Esqd Pqdt nas missões de segurança em prol da Bda Pqdt.

Durante todas as fases de análise do trabalho, os manuais americanos, FM 3-99 - *Airborne Assault Operations* (HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY, 2015) e o FM 3-98 - *Reconnaissance and Security Operations* (HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY, 2015) foram utilizados a fim de comparar e propor uma atualização de doutrina adaptada ao ambiente nacional.

2.6 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a pesquisa em documentos, bibliografias e artigos científicos.

Também foi realizado um minucioso estudo de caso de Op Seg ocorridas no combate real, não só de tropas paraquedistas, mas também tropas convencionais que operam de forma semelhante.

2.7 ANÁLISE DE DADOS

Quanto à análise de dados, Neves e Domingues (2007) afirmam que:

A análise dos dados, embora se valha de medidas estatísticas descritivas, normalmente utiliza um discurso subjetivo por meio de análises semânticas ou de conteúdo dos textos e depoimentos coletados, a fim de comporem um caminho coerente e lógico que permita chegar a uma solução para o problema de pesquisa (NEVES E DOMINGUES, 2007, p. 64).

A partir deste conhecimento e do estudo dos manuais estrangeiros sobre o emprego das tropas paraquedistas, foi possível verificar a necessidade de atualização no que diz a respeito ao emprego do Esqd C Pqdt nas Op Seg.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

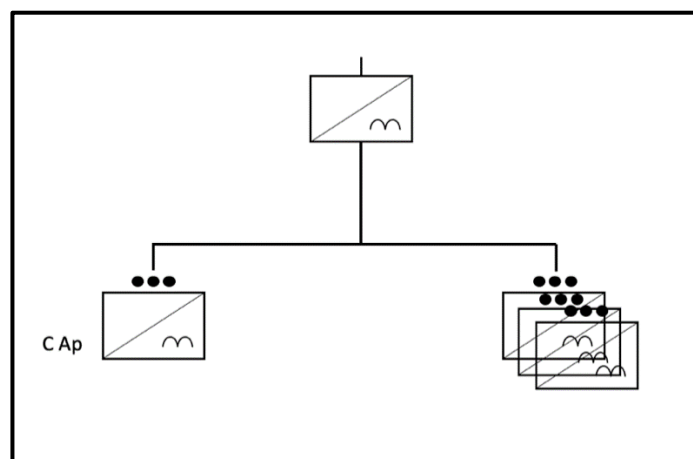
A revisão literária tem como objetivo consolidar as informações colhidas ao longo do estudo das operações de segurança, embasando a atualização doutrinária do capítulo para o Manual do Esqd C Pqdt. Dentro daquilo que é de interesse do trabalho, apresentou-se as características, possibilidades e limitações dessa tropa em prol das Op Seg.

3.1 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

O Esqd C Pqdt é uma unidade de Cavalaria pertencente à Brigada de Infantaria Pára-quedista e, como tal, é a tropa de reconhecimento e segurança desta, sendo assim um elemento de economia de meios. Segundo Brasil (2020, no prelo¹), o esquadrão “[...] deve ser dotado com plataforma que permita boa mobilidade terrestre, relativa proteção blindada e potência de fogo adequada”.

3.1.1 Organização do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista

O Esquadrão de Cavalaria Paraquedista é constituído por Comando e Estado-Maior (EM), Pelotão de Comando e Apoio (Pel C Ap) e três Pelotões de Cavalaria Paraquedista (MENEZES, 2016).



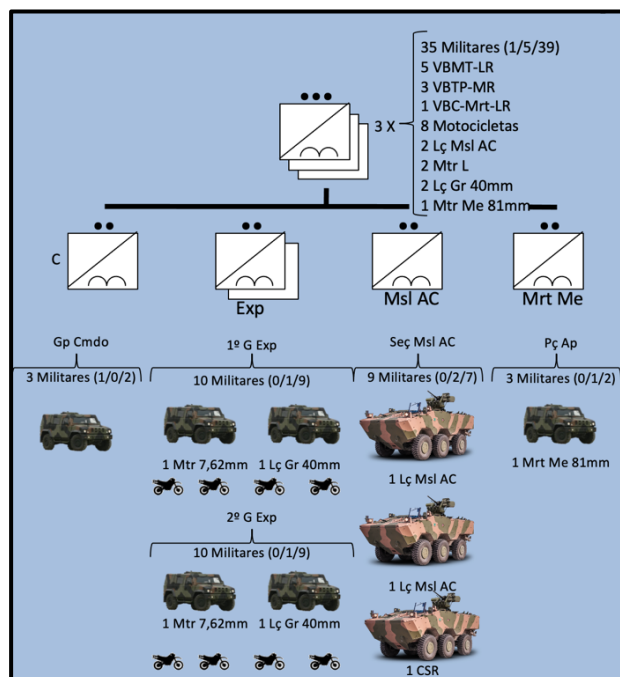
¹ O documento está em fase de impressão.

Organograma 1 – Organização do Esqd C Pqdt
 Fonte: BRASIL (1994)

3.1.1.1 O Pelotão de Cavalaria Paraquedista

Os três pelotões são elementos de manobra da subunidade que têm como missão “[...] estabelecer segurança (em particular a proteção e a vigilância), executar reconhecimentos, movimentos retrógrados (Rtg) e combater em proveito do Esqd C Pqdt ou de unidades às quais se encontre reforçando ou integrando” (BRASIL, 1994, p. 1-8).

De acordo com o Quadro de Cargos Previstos do 1º Esqd C Pqdt2 (BRASIL, 2019a) e segundo o manual de Doutrina Militar Terrestre (BRASIL, 2019c), o Pel C Pqdt se divide em: grupo de comando, dois grupos de exploradores, uma seção de míssil anticarro, dividida em duas peças de míssil anticarro e um canhão sem recuo, e uma peça de apoio, conforme mostra o Organograma 2:

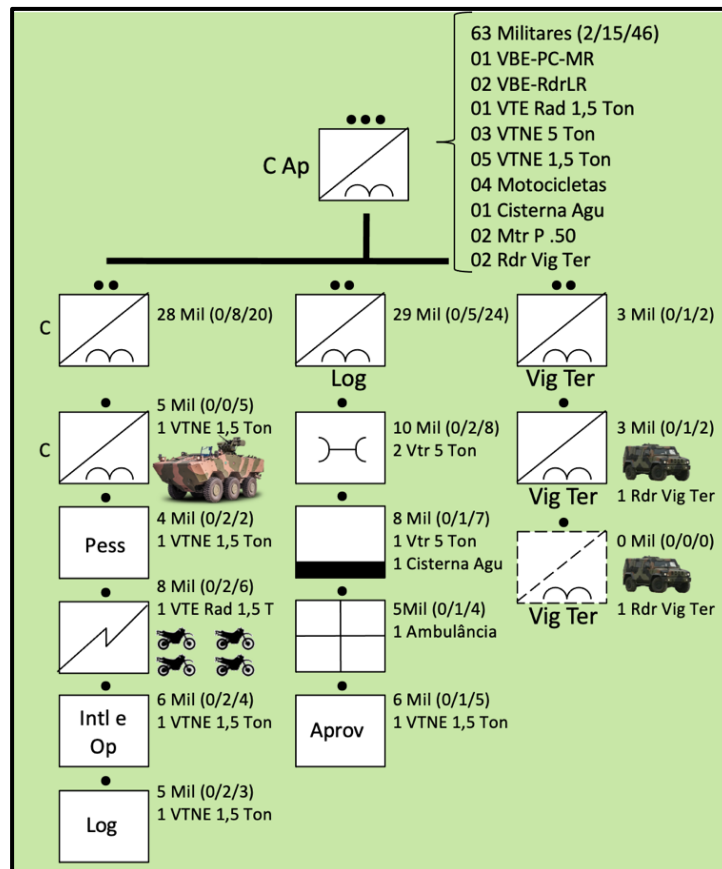


Organograma 2 – O Pel C Pqdt
 Fonte: O autor

3.1.1.2 O Pelotão de Comando e Apoio

O Pel C Sv do Esqd C Pqdt destina-se a apoiar o comando do esquadrão com os meios necessários à coordenação e ao controle do esquadrão, assim como fornecer ao comandante e aos pelotões operacionais do esquadrão o apoio logístico necessário, seja nas operações de combate, seja nas atividades cotidianas de instrução; proporciona ainda meios de defesa AC e de vigilância terrestre eletrônica, os quais operam em ação conjunta ao esquadrão ou em apoio direto (ou reforço) a um dos Pel C Pqdt (BRASIL, 1994, p. 1-8).

Cabe destacar que o Quadro de Cargos Previstos do Esqd C Pqdt (BRASIL, 2019a) intitula o Pel C Sv de Pelotão de Comando e Apoio (Pel C Ap), atualizando, assim, a doutrina proposta na IP-2-33 — Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista (BRASIL, 1994). Este pelotão é composto por: Seção de Comando (composta pelos integrantes das seções do EM), Seção Logística (composta pelas frações responsáveis pelo suporte logístico) e Seção de Vigilância Terrestre, conforme o previsto por Brasil (2019a), e segundo o exemplificado no Organograma 3:



Organograma 3 — O Pel C AP
 Fonte: O autor

3.1.2 Características do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista

Conforme a IP-2-33 - Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista “[...] as características do Esqd C Pqdt são as mesmas do Esqd C Mec: a mobilidade, a flexibilidade, a proteção blindada, a potência de fogo, a ação de choque e o sistema de comunicação amplo e flexível” (BRASIL, 1994, p. 1-5). Quanto à mobilidade, o manual afirma que ela está vinculada à velocidade, ao raio de ação e à capacidade das viaturas de se deslocar por meio de diversos tipos de terreno, “[...] o Esqd C Pqdt é 100% móvel e aerotransportável, podendo ser desembarcado por meio do lançamento pôr pára-quedas ou por aterragem” (BRASIL, 1994, p. 1-5). Sobre a flexibilidade, Brasil (1994) afirma em manual que ela está relacionada à capacidade de mobilidade e ao sistema de comando e controle eficiente.

O manual discorre também sobre a blindagem das viaturas que acabam resguardando suas guarnições e conferem ao Esqd C Pqdt a proteção blindada e sobre os diversos calibres do armamento de suas frações que, aliados à cadência de tiro e trajetória dos mesmos, assegura a potência de fogo dessa Unidade (BRASIL, 1994).

Em resumo, o manual de 1994 afirma que a ação de choque é gerada pela combinação da proteção blindada com a potência de fogo e mobilidade. Enquanto o sistema de comunicação amplo e flexível, por sua vez, é notório nos meios de comunicação do Esqd C Pqdt, por meio da utilização de rádios de longo alcance, que aumentam a capacidade de comando e controle para coordenação do movimento e manobra e da logística (BRASIL, 1994).

3.1.3 Possibilidades do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista

O Esqd C Pqdt deve ser apto, por meio de seus meios, a permanecer em períodos limitados de combate, normalmente de 72 horas, segundo prevê na IP de 1994.

Entre as possibilidades do Esquadrão, as principais são:

- (1) realizar reconhecimento de eixo, área e zona, em frentes e profundidades compatíveis com os meios à sua disposição;
- (2) executar missões de segurança, em particular a proteção e a vigilância;
- (3) realizar operações ofensivas, defensivas ou retrógradas, no desenvolvimento das ações de reconhecimento e segurança, ou como elemento de economia de forças;
- (4) realizar ligações de combate;
- (5) constituir área de segurança de área de retaguarda (SEGAR) em proveito da brigada;
- (6) receber e planejar o emprego de meios aéreos sob controle operacional;
- (7) executar ações contra forças irregulares;
- (8) cumprir missões do quadro de defesa interna;
- (9) conduzir operações de combate sob condições de visibilidade limitada, com o emprego de meios de visão noturna e vigilância eletrônica;
- (10) proporcionar limitada defesa AC;
- (11) deslocar-se por meios aéreos; e
- (12) desembarcar por meio de lançamento por para-quedas ou aterragem (BRASIL, 1994, p. 1-5).

Entre as possibilidades do Esqd C Pqdt elencadas acima, a segunda fez parte do objetivo deste trabalho.

3.1.4 Limitações do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista

Segundo o manual IP 2-33 — Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista (BRASIL, 1994), as limitações deste estão relacionadas principalmente ao seu material de dotação e às limitações inerentes das forças paraquedistas.

Quando elencados os três fatores limitantes principais desta tropa, são descritos assim: quanto ao inimigo, quanto ao terreno e condições meteorológicas e quanto aos meios.

No que diz respeito ao inimigo, Brasil (1994) afirma que a vulnerabilidade aos ataques aéreos, a sensibilidade ao largo emprego de minas, armas AC e aos obstáculos, efeitos das armas e agentes químicos, biológicos e nucleares, e vulnerabilidade na fase de reorganização, são limitações ao Esqd C Pqdt.

Com relação ao terreno e às condições meteorológicas, o manual elenca como limitações: as condições climáticas e meteorológicas adversas e sensibilidade a terrenos irregulares (montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos) (BRASIL, 1994).

Já quanto aos meios, a IP 2-33 destaca alguns que são comuns às tropas paraquedistas: considerável apoio de Força Aérea inicial e continuado, disponibilidade

de aeronaves e necessidade de apoio logístico, após as 72 horas iniciais, e outros inerentes a tropas mecanizadas, como a dificuldade de assegurar o sigilo devido ao ruído e poeira produzidos por suas viaturas em deslocamento (BRASIL, 1994).

Além das limitações mencionadas acima, cabe destacar a falta de meio de apoio de fogo indireto com alcance e eficiência adequados para as missões de segurança em que se propõe a atuar, principalmente quando fora do alcance de Ap F da tropa em proveito do qual opera.

3.2 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

As operações de reconhecimento e segurança são essenciais para a execução eficaz de operações terrestres. As operações terrestres unificadas descrevem como o Exército apreende, retém e explora a iniciativa para ganhar e manter uma posição de vantagem relativa em operações terrestres por meio de tarefas ofensivas, defensivas e de estabilidade simultâneas para prevenir ou deter o conflito, prevalecer na guerra e criar as condições para resolução de conflitos.³ (EUA, 2015b, p. 1-1, tradução nossa).

“Consiste numa operação militar que tem por objetivo geral a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal” (COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES, 2017, p. 4-3).

A principal diferença entre as operações de segurança e as operações de reconhecimento é que as operações de segurança orientam-se de acordo com a força ou instalação protegida, enquanto o reconhecimento é orientado pelo inimigo e pelo terreno. No entanto, as operações de segurança não podem ser desassociadas das missões de reconhecimento, uma vez que um dos fundamentos da segurança é realizar reconhecimento contínuo.⁴ (EUA, 2015b, p.6-1, tradução nossa)

³ Reconnaissance and security operations are essential to effective execution of unified land operations. Unified land operations describes how the Army seizes, retains, and exploits the initiative to gain and maintain a position of relative advantage in sustained land operations through simultaneous offensive, defensive, and stability tasks in order to prevent or deter conflict, prevail in war, and create the conditions for favorable conflict resolution.

⁴ The main difference between security operations and reconnaissance operations is that security operations orient on the protected force or facility, while reconnaissance is enemy and terrain oriented. However, security operations cannot be divorced from reconnaissance missions as one of the fundamentals of security is to perform continuous reconnaissance.

Segundo o Manual EB70-MC-10.223 — Operações (BRASIL, 2017a), as Op Seg tem por finalidade negar ao inimigo o uso da surpresa e do monitoramento, impedir que o inimigo interfira, de modo decisivo, nas ações da força principal, restringir a liberdade de atuação do inimigo nos ataques a pontos sensíveis manter a iniciativa das ações da força principal e preservar o sigilo das operações (BRASIL, 2017a).

A segurança compreende um conjunto de medidas adotadas por elementos de uma força, visando prevenir-se e proteger-se da inquietação, da surpresa, da observação e de qualquer outra forma de perturbação de suas atividades, por parte do inimigo. Essas medidas devem permitir detectar a ameaça inimiga, propiciando tempo e espaço necessários para que a tropa protegida possa manobrar, a fim de evitá-la, neutralizá-la ou destruí-la (BRASIL, 2020b, p. 5-1).

Quanto aos graus de segurança das operações, é possível relacionar três:

A Cobertura é o grau mais distante da segurança. Tem por finalidade proporcionar segurança a uma região ou força, utilizando-se de elementos destacados, orientados na direção do inimigo (BRASIL, 2017a). Quanto ao inimigo, visa a “[...] interceptá-lo, engajá-lo, desorganizá-lo ou iludí-lo antes que este possa atuar sobre a região ou força coberta” (COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES, 2017, p. 4-4). Cabe salientar que, nesse grau de segurança, o manual EB70-MC-10.354 de (BRASIL, 2017, 2020b) menciona que deverá ser realizado por meio de elementos taticamente autônomos.

O segundo grau é a Proteção, que atua no flanco imediato de uma região ou força, proporcionando segurança, para o que utiliza elementos na frente, na retaguarda ou no flanco imediato (BRASIL, 2017a). “Tem a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida” (BRASIL, 2017a, p. 4-4). “[...] A tarefa de proteger envolve a reação contra qualquer ataque ou agressão real ou iminente e inclui a possibilidade de realizar ações ofensivas ou defensivas” (BRASIL, 2020b, p. 5-4).

O terceiro e último grau é a Vigilância (Vig), que estabelece uma série de postos de observação para proporcionar segurança a uma determinada região ou força. Busca detectar o inimigo assim que o mesmo entra no alcance dos instrumentos óticos e sensores eletrônicos do elemento que a executa, conforme o que consta no manual de 2017 de Brasil.

Dentro dos graus de segurança é imprescindível salientar que:

A principal diferença entre uma F Cob e uma F Ptç reside na distância entre essas e a força coberta ou protegida. Enquanto a primeira atua além da distância do apoio de fogo orgânico da tropa coberta, a segunda atua dentro do alcance do apoio de fogo orgânico da força protegida (BRASIL, 2020b, p. 5-4).

Dentre os graus de segurança apresentados, o de Proteção costuma ser o mais comum executado pelo Esquadrão. Tal fator se deve ao contexto das Op Aet, no qual a Zona de Laçamento costuma ser a uma distância relativamente próxima a Cabeça-de-Ponte Aérea (C Pnt Ae) a ser conquistada, não cabendo, então, a utilização de uma força de cobertura.

3.2.1 Fundamentos das Operações de Segurança

A IP-2-33 — Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista aponta que as Op Seg devem seguir os seguintes fundamentos: proporcionar alerta preciso e oportuno ao escalão superior, garantir espaço para manobra, orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera, executar um contínuo reconhecimento e manter o contato com o inimigo (BRASIL, 1994).

Os fundamentos apresentados pela IP-2-33, assemelham-se com a doutrina de segurança executada pelas tropas de Cavalaria Mecanizadas e, por consequência, a atualização da doutrina do Esqd C Pqdt alinha-se às evoluções daquela tropa.

3.2.2 Forças de Segurança

O manual FM-3-98 - *Reconnaissance and Security Operations* menciona que a força de segurança (F Seg) opera entre o corpo principal e as unidades inimigas, conhecidas ou suspeitas, e que suas ações se concentram na proteção e no

fornecimento de informações para força protegida⁵ (EUA, 2015b, p.6-3, tradução nossa).

As forças de segurança são as que realizam ação de cobertura, de proteção e de vigilância. Complementarmente, inclui-se, também, como forças de segurança, tanto a que estabelece a ligação entre duas forças de maior valor, visando, principalmente, tamponar uma brecha, quanto aquela que realiza a segurança de área de retaguarda (BRASIL, 1994, p. 5-4).

Segundo o manual FM 3-99 - *Airborne Assault Operations*, a missão de uma F Seg é dar o alerta oportuno, coletar informações sobre a localização, direção e velocidade de um ataque inimigo, negar a observação do inimigo, evitando fogos indiretos, confundir o inimigo quanto a real localização da C Pnt Ae e atrasar ou interromper o avanço inimigo ⁶ (EUA, 2015a, p.4-8, tradução nossa).

“As operações da força de segurança maximizam o tempo, preservam as forças, colocam o inimigo em posições desfavoráveis ou evitam o combate em condições indesejáveis” ⁷ (EUA, 2015b, p.6-3, tradução nossa).

No contexto das Op Aet, na marcha para o combate:

[...] a força de segurança deve esclarecer prontamente as situações surgidas em suas zonas de responsabilidade. Dentro das suas possibilidades, elas destroem as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e detêm as que não puder interferir (BRASIL, 2020, no prelo).

Sendo assim, “o Esquadrão de Cavalaria Pará-quedista é o elemento de manobra mais apto da Bda a cumprir a missão de força de segurança devido à sua mobilidade. Nesta fase, o esquadrão deve ter a prioridade dos fogos” (BRASIL, 2020, no prelo).

A IP-2-33 - Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista, afirma que “a força de segurança de um determinado escalão deve ser suficientemente forte e localizar-se adequada e apropriadamente de modo a proporcionar o tempo necessário para reagir a uma ameaça” (BRASIL, 1994, p. 5-1).

⁵ The security force commander must know the main body's scheme of maneuver to keep the security force between the main he security force commander must know the main body's scheme of maneuver to keep the security force between the main.

⁶ The mission of the security force is to give the airhead early warning, develop information collection, to include the location, direction, and speed of an enemy attack, deny the enemy observation of and ability to direct indirect fire on the airhead, deceive the enemy as to the actual location of the airhead, delay and disrupt the enemy.

⁷ Security force operations maximize time, preserve forces, place the enemy in unfavorable positions or avoid combat under undesirable conditions.

Nesse contexto, o manual da Bda Inf Pqdt (2021) discorre que “[...] os demais elementos manobra ou de apoio ao combate podem reforçar o Esqd, desde que sejam reorçados com meios compatíveis que lhes dêem tamanha condição de mobilidade” (BRASIL, 2020, no prelo).

3.2.3 Força de Cobertura

Conforme o manual do RC Mec, esta “[...] é uma força de segurança taticamente autônoma que opera a uma considerável distância do grosso (60 a 120 Km)” (BRASIL, 2020b, p. 8-4).

Na F Cob, o comandante deve ser capaz de interferir por meio da manobra, pelo fogo e com a utilização da reserva, evitando se engajar decisivamente, ser envolvido ou ultrapassado pela força oponente (BRASIL, 1982, p. 4-11).

Por se tratar de uma força taticamente autônoma, o manual do RC Mec (BRASIL, 2020b) aponta que o escalão superior (Esc Sp) deverá reforçar a F Cob com uma força-tarefa de subunidade blindada (FT SU Bld) e prover meios de Engenharia de Combate (Eng Cmb) e Artilharia de Campanha (Art Cmp), com mobilidade compatível, em reforço ou apoio direto.

No âmbito do contexto das Op Aet, geralmente a Zona de Lançamento está localizada à uma distância relativamente próxima ao objetivo (C Pnt Ae). Este fato, na maioria das vezes, impossibilita a composição de uma F Cob.

Paralelamente, por ser uma força taticamente autônoma, a força supracitada exige que o Esqd C Pqdt seja reforçado por meios de Artilharia e Engenharia em apoio, suplementando suas deficiências e possibilitando atuar distantemente da tropa em proveito da qual opera.

3.2.4 Forças de Proteção

“A F Ptç opera dentro do alcance dos fogos de apoio da força protegida e é constituída, normalmente, ou de elementos orgânicos dessa própria força ou de

elementos que a estejam reforçando” (BRASIL, 2020a, p. 5-11). Sendo assim, as forças de proteção (F Ptç) podem operar como vanguarda (Vgd), no flanco, como flancoguarda, ou atrás, como retaguarda.

O Esqd C Pqdt, como força de segurança da Bda Inf Pqdt, por suas características, já apresentadas nesta pesquisa, costuma ter plenas capacidades de operar como F Ptç em proveito do esforço principal. Normalmente, mobilia Forças Tarefas em conjunto com os Batalhões de Infantaria Paraquedista (BI Pqdt).

3.2.5 Força de Vigilância

“A operação de vigilância compreende um conjunto de ações realizadas por uma força, em proveito do escalão superior, para proporcionar alerta, o mais cedo possível, pela observação de uma determinada área” (BRASIL, 2020b, p. 5-24).

Cabe destacar que “[...] a Vig é o menor grau de segurança que pode ser proporcionado para uma força e é empregada para que o Escalão de suprimentos (Esc Sup) economize meios em uma parte da frente, enquanto concentra seu poder de combate na parte mais importante da Z Aç” (BRASIL, 2020b, p. 5-24).

O Manual do RC Mec (BRASIL, 2020b) afirma que os principais meios de obtenção de inteligência empregados na vigilância são os meios óticos e optrônicos (IRVA), aeronaves remotamente pilotadas, radares de vigilância terrestre, câmeras de longo alcance da SVT e a seção de caçadores.

Dependendo da extensão da L C Pnt Ae e devido à constituição do Esqd C Pqdt, é comum o emprego deste para vigiar áreas desguarnecidas e com possível incidência do inimigo. Quando empregado em uma segurança 360° de instalação ou até mesmo da zona de lançamento, o Esquadrão faz uso de postos de vigilância para suprir a falta de meios, evitando que as frentes fiquem desprotegidas.

3.2.6 Força de Ligação

Apesar de o Esqd C Pqdt normalmente não cumprir esse tipo de missão, cabe destacar a capacidade da mesma.

“A força de ligação é uma força de segurança que estabelece a ligação física entre duas forças de maior valor, visando preencher áreas não ocupadas, ou seja, tamponar uma brecha entre forças amigas” (BRASIL, 2020b, p. 5-28).

No contexto das Op Aet, o Esqd C Pqdt poderia operar dentro de uma FT BI Pqdt fazendo a ligação, por exemplo, entre duas C Pnt Ae conquistadas como objetivos diferentes, mantendo a segurança entre elas.

3.2.7 Força de Segurança de Área na Defesa de Área de Retaguarda

“A força de segurança de área é uma força encarregada da segurança de uma determinada área pelo seu escalão superior” (BRASIL, 2020b, p. 5-29). Para o Manual do RC Mec, a segurança da área de retaguarda (Seg AR) tem por finalidade preservar o poder de combate, evitando ou diminuindo efeitos de catástrofes e interferência do inimigo contra unidades, instalações, atividades de apoio logísticos e vias de transporte.

Essa F Seg, compreende dois tipos de ação: a primeira, com ações preventivas, destina-se à assegurar a normalidade no desempenho de atividades e tarefas dos elementos de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, e se chama Defesa de Área de Retaguarda. Já a segunda, é denominada Controle de Danos (C Dan) e visa a minimizar os efeitos das ações do inimigo na área de retaguarda (BRASIL, 2020a, p. 5-29).

O Esqd C Pqdt, quando atua como Segurança de Área de Retaguarda (SEGAR), prioriza suas ações de segurança contra forças aeromóveis e de Forças de Operações Especiais (FOpEsp), bem como na segurança das instalações. Raramente, executa a segurança dos eixos de suprimento, uma vez que, nas Op Aet, é utilizado o suprimento pelo ar.

3.2.8 Força dos Postos Avançados de Combate

O Manual do RC Mec de 2020 menciona que o Posto Avançado de Combate (PAC) é composto por uma F Seg imediatamente à frente do Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA) e constitui o elemento de segurança aproximada das Bda ou da Divisão de Exército (DE).

A missão principal dos PAC é proporcionar alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo e impedi-lo de realizar a observação terrestre aproximada e os fogos diretos sobre o interior da área de defesa. Dentro de suas possibilidades, os PAC retardam e desorganizam o inimigo e se esforçam para iludi-lo sobre a verdadeira localização do LAADA (BRASIL 2020b, p. 5-36).

Os PAC ficam há uma distância que varia entre 800 a 2.000 metros do LAADA e sua localização, normalmente, vem prescrita pelo Comandante de Brigada (Cmt Bda) ou pela DE. São caracterizados por uma série de postos de vigilância em dispositivo linear, segundo o dito pelo Comando de Operações Terrestres (2020, p.5-36). O Manual do RC Mec afirma ainda que a missão geral de uma fração Mec nos PAC é garantir segurança contínua ao longo de toda a frente defensiva do apoio de fogo do escalão em qual opera.

O Manual da Bda Inf Pqdt (2021) afirma que, normalmente, o Esqd C Pqdt compõe seus PAC e Postos Avançados Gerais (PAG), podendo ganhar reforço de acordo com os fatores da decisão.

Nos PAC, uma das finalidades do Esquadrão é a de conduzir uma ação retardadora limitada, a fim de possibilitar que a força em proveito da qual opera se organize para fazer frente às ameaças.

3.3 OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

“Operação aeroterrestre é uma operação militar conjunta (comando único e estado-maior conjunto), que envolve o movimento aéreo e a introdução de forças de combate e seus respectivos apoios em uma área de objetivos” (BRASIL, 2017b, p. 2-1).

Unidades (U) pára-quedistas são organizadas e equipadas para executar operações aeroterrestres, normalmente com o uso de paraquedas,

precipuamente à retaguarda do inimigo, para conquistar e manter objetivos (regiões do terreno por tempo limitado) ou para atuar sobre alvos específicos (destruir, neutralizar, capturar, eliminar etc.) e retrair. Este tipo de combate requer unidades de pronta resposta (BRASIL, 2017, p. 2-1).

Geralmente, ocorrem em áreas fracamente defendidas, porém podem ocorrer em zonas ocupadas por forças de combate inimigas bem organizadas, quando precedidas por alguma neutralização, como um ataque de caça ou por fogo de artilharia de campanha (BRASIL, 2020, no prelo).

3.3.1 Tipos de Operações Aeroterrestre

Existem dois tipos de Op Aet, o assalto aeroterrestre e a incursão aeroterrestre.

Segundo manual EB70-MC10.217 — Operações Aeroterrestres (BRASIL, 2017b), a definição de um assalto aeroterrestre é a seguinte:

Operação aérea destinada a introduzir forças pára-quedistas e seus equipamentos, prioritariamente por lançamento de paraquedas e eventualmente por meio de pouso, com a finalidade de conquistar uma região no terreno de significativa importância para o cumprimento da missão das forças de superfície (cabeça-de-ponte aérea – C Pnt Ae) (BRASIL, 2017b, p 2-4).

Já uma incursão aeroterrestre “[...] compreende uma penetração, normalmente furtiva e por meio de salto de paraquedas, em área sobre o controle inimigo, e a execução de uma ação ofensiva, seguida de retraimento ou retirada” (BRASIL, 2017b, p. 2-4). Vale destacar que, neste tipo de operação, “[...] não há a intenção de conquista ou de manutenção o terreno” (BRASIL, 2017b, p. 2-4).

O Esqd C Pqdt, como tropa não especializada da Bda, cumpre missões compondo FT com os Bl Pqdt em um assalto aeroterrestre. As incursões aeroterrestres, geralmente, são missões da Companhia de Precursores Pára-quedistas (Cia Prec Pqdt), tropa especializada da Bda Inf Pqdt.

As principais diferenças entre ambos os tipos de Op Aet estão exemplificadas no Quadro 1:

| Quesito \ Tipo | Assalto Aeroterrestre | | Incursão Aeroterrestre |
|----------------------------|----------------------------------------------------------------------|-----------------|------------------------------------------------------------------------|
| Ações Táticas Iniciais | Conquistar | Manter | Destruir Capturar Interditar Assegurar Resgatar Evacuar |
| Centralização | Centralizada | Descentralizada | Máxima centralização |
| Objetivo | C Pnt Ae | | Objetivo específico |
| Duração | Curta (72 horas) | | Variável |
| Escalão que Executa | DE Bda FT Btl | | FT Btl FT Cia |
| Ações Táticas Subsequentes | Defesa circular Junção Substituição Retraimento Retirada | | Retraimento Retirada |

Quadro 1 — Tipos de Operações aeroterrestres
Fonte: BRASIL (2017b, p. 2-5)

3.3.2 Fases de uma Operação Aeroterrestre

As Operações Aeroterrestres se dividem em quatro fases, sendo elas: preparação, movimento aéreo, ações táticas iniciais e ações táticas subsequentes (BRASIL, 2017b, p. 2-5).

3.3.3 Escalonamento dos meios da Força Aeroterrestre

O manual EB70-MC10.217 — Operações Aeroterrestres (BRASIL, 2017b, p. 2-8) afirma que “[...] dependendo do tipo de Op Aet, a F Aet pode ser dividida em até quatro escalões”, são elas: precursor, assalto, de acompanhamento e recuado.

Dentro do Escalão precursor, o manual da Bda Inf Pqdt de 2020 expõe quais elementos do Esqd C Pqdt podem compor o Esquadrão, para prover a segurança dos eixos que incidem sobre a Zona de Desembarque (Z Dbq) (BRASIL, 2020, no prelo).

As unidades designadas para realizar missões de reconhecimento e segurança devem ser carregadas transversalmente no plano de carga para que, durante o ataque aerotransportado, sejam alguns dos primeiros elementos no solo a se mover e estabelecer bloqueios de estradas, localizar forças inimigas, interromper as instalações de comunicação do inimigo; e fornecer ao comandante avisos antecipados, segurança e informações (EUA, 2015a, p. 4-16, tradução nossa).

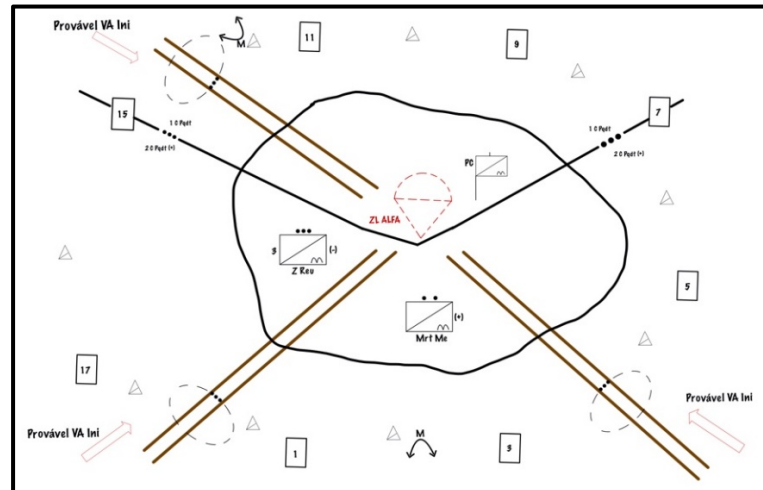


Figura 1 – O Esqd C Pqdt como força de segurança de uma ZL
Fonte: O autor

Durante o assalto aeroterrestre, quando provendo a segurança de uma ZL, o esquadrão ocupa dispositivo semelhante à segurança de uma instalação, devendo proteger as penetrantes que incidem sobre a área, de maneira a assegurar o lançamento dos demais Escalões da Brigada.

3.4 OPERAÇÃO *MARKET GARDEN* - ESTUDO DE CASO

A *Operação Market Garden* ocorreu no dia 17 de setembro de 1944, durante a 2ª Guerra Mundial, e é caracterizada como a maior operação com lançamento de paraquedistas ocorrida na história mundial.

Às 09h00min da manhã de 17 de setembro de 1944, sob um tempo esplêndido e favorável para uma operação aeroterrestre, decolavam, de 24 aeródromos na Inglaterra, mais de 5 mil aviões e planadores, convergindo sobre zonas de aterrissagem e de lançamento de paraquedistas na Holanda, lançando mais de 16 mil paraquedistas e 20 mil militares aerotransportados, totalizando, aproximadamente, 36 mil militares (GUERRA, 2020, p. 112).

A operação consistiu em um assalto aeroterrestre, que tinha como finalidade conquistar cinco C Pnt Ae no território holandês para garantir a segurança e passagem das forças aliadas terrestres, por meio da Rodovia Eindhoven-Arnhem (GUERRA, 2020, p. 114).

Segundo Guerra (2020), os paraquedistas foram lançados em três escalões, já que faltavam aeronaves para um único lançamento. A 101ª divisão Aerotransportada

Americana deveria conquistar as C Pnt Ae nas regiões de Son e Veghel, a 82ª Divisão Aerotransportada Americana deveria conquistar as C Pnt Ae sobre o rio Maas e a 1ª Divisão Aero-transportada Britânica, reforçada pela 1ª Brigada Pára-quedista Polonesa, deveria conquistar a C Pnt Ae sobre o rio Baixo-Reno, na região da cidade de Arnhem.

Guerra (2020) conta que, durante a parte terrestre da operação, o 2º Exército Britânico avançaria pelo eixo Wessel-Arnhem para realizar a junção com as tropas paraquedistas em até 48h, para conquistar e manter Arnhem e “[...] ficar em condições de prosseguir para leste para conquistar a região industrial alemã do vale do Ruhr desbordando a linha Siegfried” (GUERRA, 2020, p. 116). A Figura 2 apresenta um esboço do plano de operações de *Market Garden*:

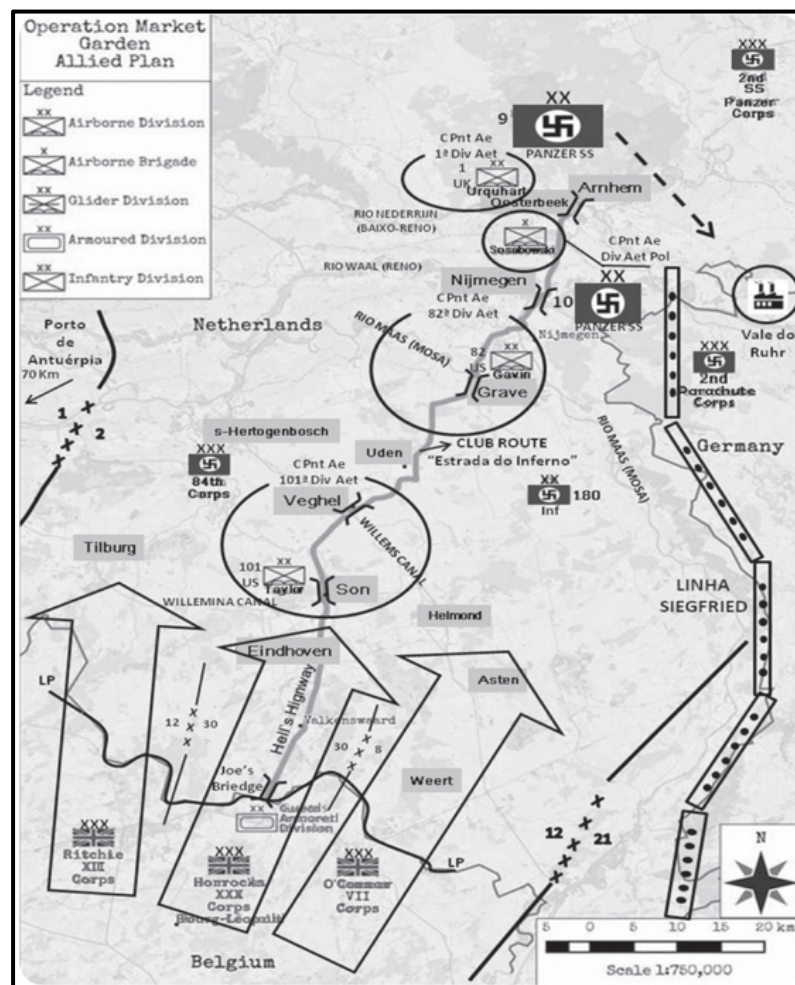


Figura 2 – Plano de Operações *Market Garden*

Fonte: Guerra (2020, p. 115 apud Duncan Jackson/CC BY-SA 4.0)

Quanto aos fatores de risco presentes na operação, Guerra (2020, p.117) menciona que “[...] naquela época, os sistemas de vigilância e reconhecimento eram

mais simples, se comparados aos drones e imagens de satélites atuais”. Sendo assim, havia falta de uma F Seg com ações eficazes de vigilância que alimentasse o sistema de inteligência dos aliados com informações que passassem a real situação do fator de decisão inimigo, o que seria fundamental para que os planejadores adaptassem suas ordens e organizassem melhor suas condutas.

Ao norte, o insucesso da operação se deu, principalmente, pelos embates da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica contra a 9ª e 10ª Divisão *Panzer* SS em Oosterbeek, que, apesar de terem suas localizações e valores informados pela resistência holandesa aos aliados, foram ignoradas pelos planejadores da operação. (GUERRA, 2020, p. 117). Além disso, a necessidade de lançamento em três escalões, ocorreu, também, devido à falta de aeronaves, o que agravou ainda mais a desvantagem da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica frente as divisões *Panzer* Alemãs.

Ao Sul, na parte terrestre da operação, o insucesso se deu pelo atraso no avanço do 30º corpo de Exército em fazer a junção com as tropas aeroterrestres, motivado não só pelas condições precárias da estrada Club Route, movimento canalizado por pontes e vias estreitas com apenas duas faixas, mas, também, pelos ataques que sofreram de canhões 88 mm antiaéreos, utilizados como armas anticarro (GUERRA, 2020, p. 118).

Pontes destruídas pelos Alemães na área da 82ª Divisão foram outro motivo para o atraso no deslocamento por terra, já que, por não possuir meios orgânicos de transposição de curso d’água, a 82ª teve que aguardar as tropas do 30º Corpo de Exército chegarem ao local para lançarem suas portadas.

Em resumo, *Market Garden* se mostra, até os dias atuais, como estudo de caso de ações de uma Op Aet que deu errado. Com ela é possível analisar os fatores da decisão do comandante tático no planejamento de uma ação e, também, a necessidade de todas as funções de combate, de maneira eficaz, para o êxito das operações.

Analisando os acontecimentos de *Market Garden*, nota-se a falta de uma F Seg eficiente em prol do 2º Exército Britânico, tropa esta que viria a realizar a junção e, na sequência, cumprir o objetivo principal. Isto gerou um atraso comprometedor na junção, expondo ao inimigo e à falta de suprimento os paraquedistas que já se encontravam em solo, mantendo as respectivas C Pnt Ae.

O principal problema encontrado pelo 2º Exército Britânico foram os sucessivos ataques sofridos no seu flanco leste, destruindo viaturas e bloqueando a estrada principal. Na ocasião, a existência de uma F Ptç, executando uma flancoguarda móvel, teria diminuindo consideravelmente os ataques e, por consequência os atrasos no deslocamento.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Analisando as fontes durante o transcorrer do trabalho, foi possível identificar a importância das Op Seg nas Op Aet. O manual EB70-MC-10.223 – Operações (BRASIL, 2017a), de forma ampla, define, caracteriza e explica todos os tipos de operações de segurança.

4.1 IMPORTÂNCIA DAS OPERAÇÕES DE SEGURANÇA NAS OP AET

Quando levado em consideração o tema ao qual este trabalho se comprometeu em analisar enfatizando a realidade das Op Aet, descritas no manual EB70-MC-10.217 - Operações Aeroterrestres (BRASIL, 2017b), ficou clara a necessidade da segurança do Escalão principal durante o assalto aeromóvel, na marcha para o combate e também nas ações de conquista e manutenção da cabeça de ponte aérea. Tais operações devem manter a liberdade de manobra e a preservação do poder de combate da força principal.

Com a análise de caso histórico, ficam nítidos os prejuízos a uma operação quando renuncia das forças de segurança, principalmente durante uma marcha de coluna tática com a intenção final de conquistar determinado objetivo.

Nas Op Aet, cresce ainda mais a necessidade desse tipo de Operação Complementar, uma vez que ocorrem, em sua grande maioria, no território inimigo, onde se tem poucas informações sobre e a força adversa e o risco de contato é eminente.

4.2 O ESQD C PQDT COMO FORÇA DE SEGURANÇA DA BDA INF PQDT

Observando-se as características das unidades pertencentes à Bda Inf Pqdt e ligando-as às necessidades operacionais durante a ação na conquista de um objetivo, foi constatada a necessidade de uma fração que possua mobilidade, flexibilidade, proteção blindada, potência de fogo, ação de choque e sistema de comunicação amplo e flexível, que possibilite atuar distante o suficiente do grupo, mas de maneira que tenha capacidade de dar o alerta oportuno quanto à presença do inimigo, auxiliando, assim, no planejamento do comandante tático.

Estas características levaram a compreender que a tropa com maior capacidade de cumprir Op Seg em prol da fração que executa a ação principal, deve ser oriunda da Arma de Cavalaria. Por conta disso, o Esqd Cav Pqdt, no âmbito da Bda Inf Pqdt, destaca-se como tropa hábil a cumprir tais operações. Algo que já é colocado em uso no exército norte-americano, segundo o que consta no manual FM 3-99 - *Airborne Assault Operations* (EUA, 2015a).

O manual EB70-MC-10.354 — Regimento de Cavalaria Mecanizado (BRASIL, 2020b) comenta sobre a utilização das frações mecanizadas em prol da Bda ou da DE e, durante análise, foi constatado que há semelhança na forma de emprego das tropas de Cavalaria com as paraquedistas nas Op Seg, principalmente com o Esqd C Pqdt.

É importante salientar que existe pouco material de pesquisa sobre Op Seg no contexto das Op Aet, já que houve poucos casos históricos de assalto aeromóvel e que, grande parte deles, ocorreu durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Em razão da falta de iniciativa de uso deste tipo de Op, foram consultados os manuais de doutrina da tropa de Cavalaria Mecanizada, devido às semelhanças e experiências destas frações em operações de combate real.

4.3 A ATUALIZAÇÃO DA IP 2-33

A IP-2-33 — Esquadrão de Cavalaria Pára-queda de 1994 (BRASIL, 1994) por anteceder os manuais das Operações Aeroterrestres (BRASIL 2017b) e o Regimento de Cavalaria Mecanizada (BRASIL 2020b), de 2017 e 2020, demanda atualização doutrinária, tendo em vista todas as mudanças ocorridas nas Op Seg, nos últimos 27 anos, principalmente no que diz respeito às capacidades agregadas às frações com a inserção de meios modernos de combate no campo de batalha.

4.4 QUESTIONÁRIO PARA EX INTEGRANTES DO ESQD C PQDT

Como forma de contribuir com as conclusões desta pesquisa, foi realizado um questionário e enviado aos Oficiais ex-integrantes do 1º Esqd C Pqdt. A função principal destas questões foi levar em consideração as experiências desses militares provenientes das funções desempenhadas no Esquadrão para embasar algumas ideias que se tornam dúbias até mesmo em manuais utilizados.

Os principais temas abordados no questionário foram: a capacidade do Esqd C Pqdt em ser a principal força de segurança da Bda Inf Pqdt, as características principais que o qualificam para essas funções, a competência do Esqd para participar de uma força de cobertura, levando-se em consideração a necessidade de apoio da fração em proveito da qual opera, o Esqd executando uma ação retardadora de limitada, como F Seg, a importância do Esqd vir a possuir o Mrt P 120 mm como meio de Ap F e o grau de relevância dos novos meios do Esqd (Tu Cçd, TU SARP, Seç Vig Ter) para as Op Seg.

O questionário foi respondido por 17 Oficiais, desde 2º Tenente até Tenente-Coronel, e chegou-se aos seguintes resultados:

A opinião dos militares questionados deixou claro a importância do papel do Esquadrão na Bda Inf Pqdt, corroborando com a pesquisa bibliográfica realizada (Gráfico 1).

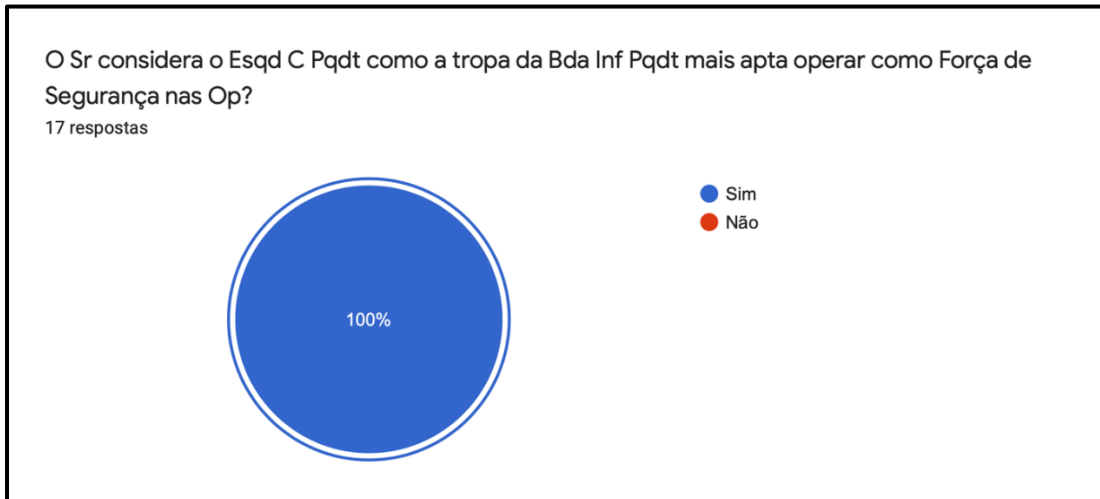


Gráfico 1 – O Esqd C Pqdt como F Seg da Bda Inf Pqdt
 Fonte: Questionário do *Google Forms* (Ex- integrantes do 1º Esqd C Pqdt)

Nesta questão, foi possível elucidar que, de certa maneira, todas as características do Esqd C Pqdt são importantes para o cumprimento das Op Seg, sendo que, a maior parte delas, apenas o Esquadrão possui na Bda, como é o caso da proteção blindada. Tal fato confirma as pesquisas realizadas e auxilia na conclusão quanto à tropa mais apta a cumprir as missões de Seg (Gráfico 2).

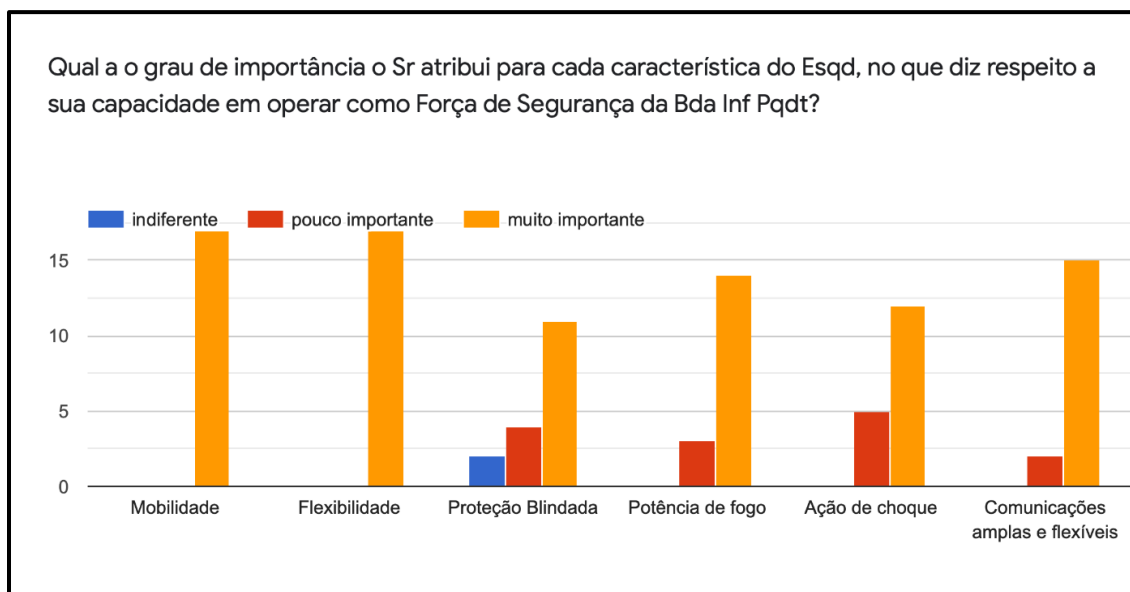


Gráfico 2 – O grau de importância das características do Esqd C Pqdt para as Op Seg
 Fonte: Questionário do *Google Forms* (Ex- integrantes do 1º Esqd C Pqdt)

Esta é uma das principais questões levantadas quanto às Op Seg e o Esqd C Pqdt. Isso se deve pelo fato de o Esquadrão não possuir meios de Ap F eficientes para que o Cmt possa intervir pelo fogo na manobra de suas frações que estiverem

em confronto com o inimigo (Gráfico 3). O resultado revelou, assim como as pesquisas bibliográficas, que, se apoiado diretamente pelas tropas de Artilharia e Engenharia da Bda Inf Pqdt, é possível compor uma F Cob em benefício da brigada.

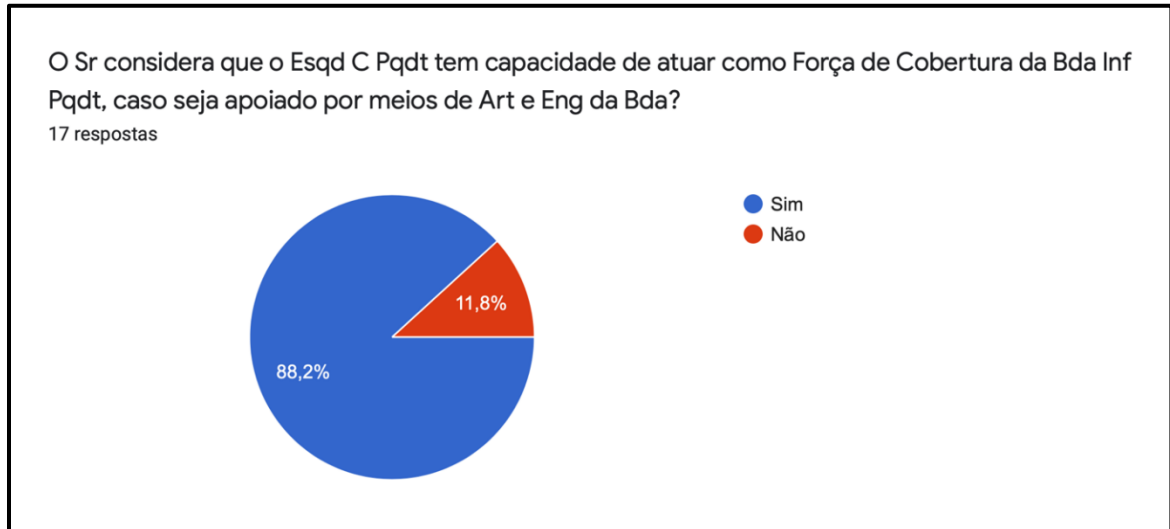


Gráfico 3 – O Esqd C Pqdt na F Cob

Fonte: Questionário do *Google Forms* (Ex- integrantes do 1º Esqd C Pqdt)

Já na questão levantada sobre a possível criação de um Pelotão de Morteiro Pesado (Pel Mrt P) para o Esquadrão, as respostas se mostraram questionáveis. Apesar de a maioria acreditar que o Mrt P seria importante, grande parcela acredita que não, mantendo a opção do Ap F da tropa em proveito da qual opera como principal meio de fogos para o Esquadrão (Gráfico 4).

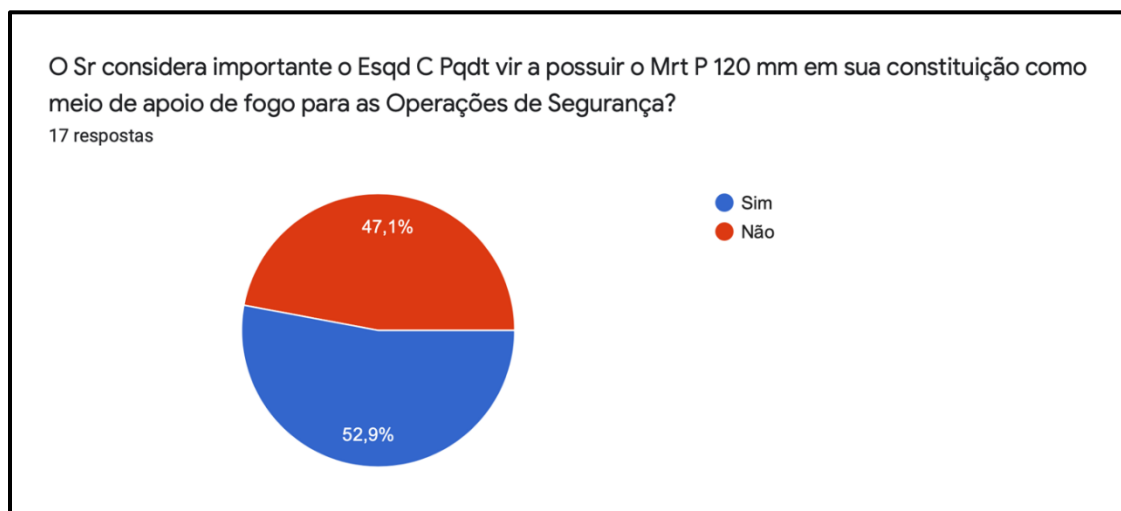


Gráfico 4 – O Esqd C Pqdt com Mrt P 120mm

Fonte: Questionário do *Google Forms* (Ex- integrantes do 1º Esqd C Pqdt)

Outra dúvida gerada foi sobre a execução de uma ação retardadora limitada. Esta situação é passível de ocorrer quando o inimigo for relativamente forte perante o Esquadrão, forçando que o mesmo passe a executar uma Aç Rtrd até que a tropa em proveito da qual opera se organize para fazer frente a ameaça. A grande maioria dos participantes da pesquisa se mostrou favorável à capacidade de o Esquadrão executar esse tipo de Op com os meios atuais (Gráfico 5).

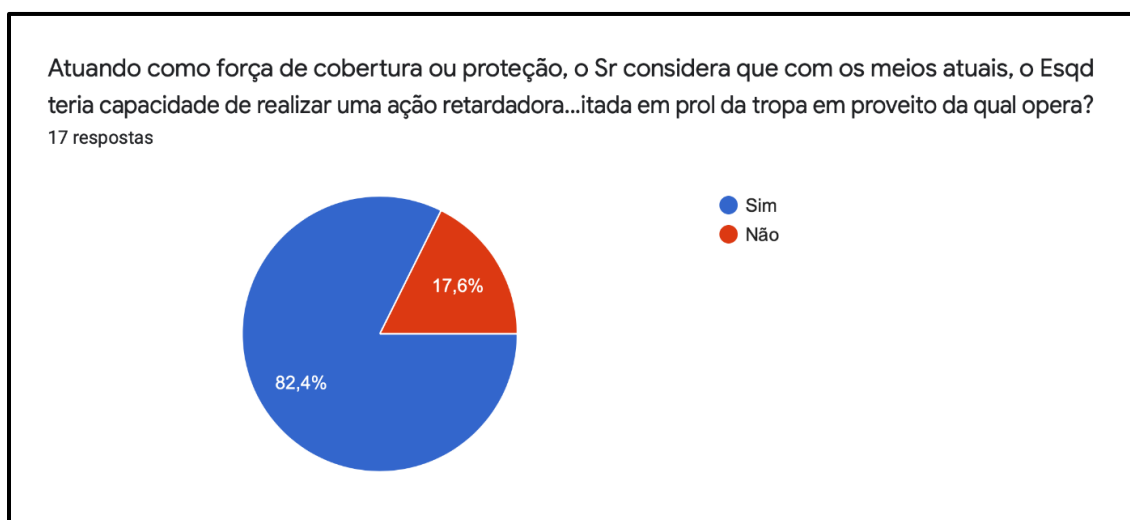


Gráfico 5 – O Esqd C Pqdt executando uma ação retardadora limitada
Fonte: Questionário do *Google Forms* (Ex- integrantes do 1º Esqd C Pqdt)

Na última questão levantada, ficou evidente que os novos meios irão colaborar nas Op Seg e que, atualmente, não é possível se falar em Op Seg sem se considerar os meios de monitoramento do Esquadrão (Gráfico 6).

Cabe salientar que, por estar em um processo de mudança e homologação desses novos meios e frações, apenas a Seç Vig Ter foi considerada para a escrituração do capítulo do manual, uma vez que já se encontra na constituição da SU. Futuramente, o manual necessitará de atualização com a inclusão desse material e de suas capacidades.

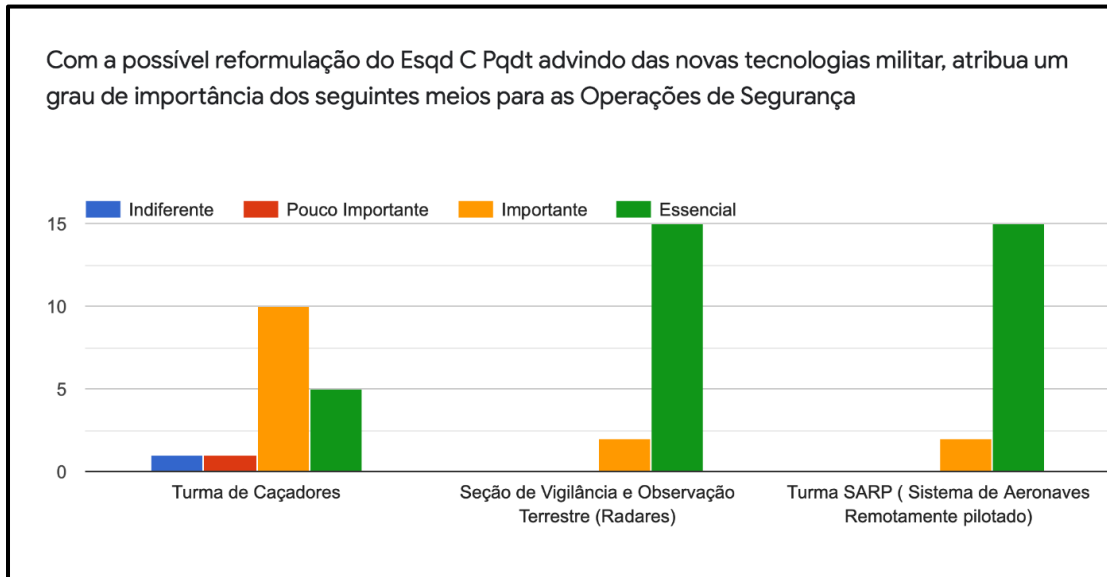


Gráfico 6 – Novos meios do Esqd C Pqdt

Fonte: Questionário do *Google Forms* (Ex- integrantes do 1º Esqd C Pqdt)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, levando em consideração a análise dos fatos mencionados, foi possível constatar a importância das Op Seg como complementares a todas as demais operações, e, também, a viabilidade do Esqd C Pqdt cumprir tais missões em prol da Bda Inf Pqdt.

De maneira empírica, o conhecimento foi fortalecido por meio de estudos de caso, manual doutrinário de país estrangeiro com experiência em combate e manuais nacionais atualizados, principalmente das tropas de Cavalaria Mecanizada, já que, as características de emprego e meios são similares ao Esqd C Pqdt.

O problema apresentado inicialmente no trabalho, quanto à falta de um manual do Esqd C Pqdt e, por consequência, de um capítulo sobre Op Seg, foi sanado por meio da construção do APÊNDICE A. Assim, a pesquisa realizada ampliou o entendimento sobre o assunto, apresentando novas variáveis necessárias, que foram descritas de maneira objetiva no APÊNDICE mencionado, evitando equívocos futuros quanto ao emprego do Esqd C Pqdt nas Op Seg.

REFERÊNCIAS

BRASIL. EXÉRCITO BRASILEIRO. Base **Doutrinária prevista: 1º Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista**. Brasília, DF, 2019a.

BRASIL. **Quadro de Cargos Previstos do 1º Esqd C Pqdt**. [Material de acesso restrito]. Brasília, DF, 2019b.

BRASIL. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES (COTER). **A Cavalaria nas Operações** — EB70-MC-10.222. Brasília, DF 2018a.

BRASIL. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES. **Brigada de Infantaria Pará-quedista** — EB70-MC-10.XXX. Brasília, DF, 2020a.

BRASIL. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES (COTER). **Manual de campanha: Brigada de Cavalaria Mecanizada** — EB 70-MC-10.309. 3. ed. Brasília, DF, 2019b.

BRASIL. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES (COTER). **Manual de campanha: Operações** — EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF, 2017a.

BRASIL. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES (COTER). **Operações Aeroterrestres** — EB70-MC-10.217. Brasília, DF, 2017b.

BRASIL. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES (COTER). **Regimento de Cavalaria Mecanizado** — EB70-MC-10.354. 3. ed. Brasília, DF, 2020b.

BRASIL. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **Doutrina Militar Terrestre** — EB20-MF-10.102. 2ª Ed. Brasília, DF, 2019d.

BRASIL. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **Esquadrão de Cavalaria Mecanizado** — C-2-36. Brasília, DF, 1982.

BRASIL. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **Esquadrão de Cavalaria Pára-quedista** — IP-2-33. Brasília, DF, 1994.

BRASIL. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército** — EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF, 2018b.

GRIZOTTI, Vinicius Maraschin. **A evolução da Cavalaria Pará-quedista**: um estudo analítico da evolução do 1º Esquadrão de Cavalaria Pará-quedista da sua criação até os dias atuais. 2019. 19 p. Trabalho acadêmico (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2019.

GUERRA, João Paulo Diniz. Operação *Market Garden*: Uma derrota valorosa que apagou o fracasso estratégico. **A Defesa Nacional**: Revista de assuntos militares e estudo de problemas brasileiros, Rio de Janeiro, v. 842, p. 112-125, 14 dez. 2020.

HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY. ***Airborne Assault Operations***. FM 3-99. Washington, DC, 2015a.

HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY. ***Reconnaissance and Security Operations***. FM-3-99. Whashington, DC, 2015b.

LUTA na Frente Ocidental: 74 anos do fracasso da Operação *Market*. **Defesanet**, Brasília, set. 2018. Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br/ecos/noticia/30549/Luta-na-Frente-Ocidental--74-anos-do-fracasso-da-Operacao-Market/>> Acesso em: 6 mar. 2021.

MENEZES, Rafael. 1º Esqd Cav Pqdt. **Brigada de Infantaria Pára-quedista**, Rio de Janeiro, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/oms/60-organiza%C3%A7%C3%B5es-militares/109-1-esqd-cav-pqdt.html>> Acesso em: 3 fev. 2021.

NETO, Arlindo José da Cruz. A Operação *Northern Delay* e a viabilidade do assalto aeroterreste. **A Defesa Nacional**: Revista de assuntos militares e estudo de problemas brasileiros, Rio de Janeiro, v. 832, p. 42-50, 01 mar. 2017.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral (org.). **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. Rio de Janeiro: Centro de estudos de pessoal: Escola de aperfeiçoamento de oficiais, 2007. 204 p.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

| | | Pag |
|--------------|------------------------------------------|------------|
| 5 | Operações Complementares..... | 5-1 |
| 5.1 | Generalidades..... | 5-1 |
| 5.2 | Operações de Segurança..... | 5-1 |
| 5.2.1 | Generalidades..... | 5-1 |
| 5.2.2 | Segurança contra Ações Terrestres..... | 5-3 |
| 5.2.3 | Fundamentos de Segurança..... | 5-3 |
| 5.2.4 | Finalidade da Operação de Segurança..... | 5-4 |
| 5.2.5 | Graus de Segurança..... | 5-5 |
| 5.2.6 | Medidas de Coordenação e Controle..... | 5-5 |
| 5.2.7 | Forças de Segurança..... | 5-7 |
| 5.2.8 | Operações de Reconhecimento..... | 5-8 |

CAPÍTULO V

MOVIMENTO E MANOBRA

OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

5.1 GENERALIDADES

5.1.1 As operações complementares (Op Cmpl) destinam-se a ampliar, aperfeiçoar e/ou a complementar as operações básicas, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre.

5.1.2 Em função de suas características, possibilidades e meios orgânicos, o Esqd C Pqdt pode realizar ou tomar parte em diversos tipos de Op Cmpl, contudo, o presente manual Manual abordará apenas as operações complementares de segurança, Op de Junção, dissimulação e em área edificada, por serem aquelas para as quais o Esqd é mais vocacionado.

5.2 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

5.2.1 GENERALIDADES

5.2.1.1 Segurança (Seg) é uma Operação Complementar essencial para qualquer operação ofensiva ou defensiva.

5.2.1.2 A execução das operações de segurança pode ser abordada de duas maneiras:

5.2.1.2.1 Como operação complementar às operações básicas, abordagem que será tratada no presente capítulo. Nessa situação, o escalão superior determina a missão e a tropa em proveito da qual o regimento irá executar. O planejamento geral, objetivos e amplitude da operação serão apresentados pela autoridade que impôs a missão; e

5.2.1.2.2 Como uma ação comum, realizada por todas as U em capanha. Nesse caso, a missão é determinada pelo comando do próprio regimento e executada em proveito da própria unidade. Trata-se de missão de menor amplitude, em que todo o planejamento da ação fica a cargo do estado-maior do regimento.

5.2.1.3 As operações complementares (Op Cmpl) destinam-se a ampliar, aperfeiçoar e/ou a complementar as operações básicas, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre.

5.2.1.4 A Seg compreende um conjunto de medidas tomadas pelo comando para proteger-se da surpresa, da espionagem, da sabotagem, da observação ou de qualquer forma de perturbação de suas atividades por parte do inimigo. A Seg tem por finalidade a manutenção de liberdade de manobra e a preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal.

5.2.1.5 Todos os escalões são responsáveis por sua própria Seg, mesmo que se beneficiem daquela proporcionada por outra força.

5.2.1.6 O Cmt não deve desviar, para o cumprimento de missões de Seg, um efetivo em pessoal e meios de tal ordem que possa prejudicar o poder de combate a ser aplicado na ação principal.

5.2.1.7 A Seg é obtida pela adoção de medidas eficazes para detectar a ameaça, propiciando tempo e espaço necessários para que a tropa protegida possa manobrar a fim de evitar, neutralizar ou destruir essa ameaça.

5.2.1.8 A Seg repousa:

a) nas informações que recebe do Esc Sp e nos informes obtidos pelos seus próprios meios (órgãos) de reconhecimento;

b) no emprego de forças de segurança (F Seg);

c) no dispositivo adotado; e

d) Nas medidas contra a ação eventual da aviação e artilharia de longo alcance, contra os efeitos dos agentes QBRN, contra os ataques blindados e contra as ações de GE.

5.2.1.9 A Cavalaria Paraquedista, por sua organização, dotação e equipamentos, instrução e adestramento é particularmente apta à execução de operações de segurança em proveito dos escalões enquadrantes. Atuar como F Seg normalmente é a principal atividade desenvolvida pelo Esqd C Pqdt em campanha.

5.2.1.10 Nas operações de segurança o Esqd C Pqdt poderá ser reforçado por elementos de combate e apoio ao combate.

5.2.1.11 O Esqd C Pqdt, cumprindo missões de Seg, adotará uma atitude ofensiva ou defensiva empregando os seus meios de acordo com os fatores da decisão. O estabelecimento de uma cortina de contra-reconhecimento destruindo ou repelindo, pela manobra ou pelo fogo, as forças de reconhecimento do inimigo é um dos objetivos das F Seg.

5.2.1.12 Ao planejar uma missão de segurança, o Cmt Esqd C Pqdt deve ter total conhecimento do itinerário, E Prog ou Z Aç onde deverá atuar, assim como da frente a ser ocupada, da composição e da velocidade de deslocamento do grosso.

5.2.1.13 O emprego de meios da Av Ex e da F Ae integrados à manobra do Esqd possibilitará o aumento da frente e da profundidade da sua área de responsabilidade e da eficácia no cumprimento da missão.

5.2.1.14 A ligação entre a F Seg e o grosso é um dos pontos críticos das operações de segurança.

5.2.1.15 A extensão das frentes designadas ao Esqd, em operações de segurança, depende de vários fatores, tais como:

- a) grau de segurança desejado;
- b) prazos impostos pela missão;
- c) possibilidades do inimigo;
- d) terreno (com ênfase nas vias de acesso do inimigo);
- e) condições meteorológicas;
- f) meios recebidos;
- g) possibilidades do Esqd; e
- h) apoio de elementos aéreos.

5.2.2 SEGURANÇA CONTRA AÇÕES TERRESTRES

5.2.2.1 As ações inimigas que ameaçam a segurança de uma tropa Pqdt incluem:

- a) o reconhecimento;
- b) o fogo;
- c) o ataque de forças terrestres;
- d) as infiltrações;
- e) a atuação de frações de comandos e elementos para- militares; e
- f) as atuações de forças aeromóveis.

5.2.2.2 As forças de segurança utilizam o terreno e os obstáculos naturais ou artificiais para aumentar sua eficiência.

5.2.2.3 A segurança contra forças terrestres é proporcionada pelos reconhecimentos aéreos e terrestres, pelas forças de proteção e de vigilância e pelos elementos de segurança aproximada (PAC, patrulhas e outros), orgânicos das diversas unidades Pqdt. As missões de proteção são executadas, normalmente, à frente das posições amigas, frequentemente fora da L C Pnt Ae. As missões de vigilância são executadas à frente, nos intervalos à retaguarda das forças amigas. Seu valor e composição dependem dos fatores da decisão.

5.2.2.4 A ação imediata contra um assalto aeroterrestre incluirá, possivelmente o emprego de tropas mecanizadas inimigas, empenhadas em missões de SEGAR, conseqüentemente as forças de segurança contra um inimigo altamente móvel e eventualmente forte em blindados, devem possuir igual ou maior mobilidade e ter adequada capacidade anti- carro. Em qualquer caso, devem ter a possibilidade de conduzir operações sob as mesmas condições da forças inimigas.

5.2.3 FUNDAMENTOS DA SEGURANÇA

5.2.3.1 Ainda que os fundamentos da Seg sejam perfeitamente atendidos, deve se ter em mente que o mais importante na ação é fornecer informes precisos e oportunos sobre a ameaça inimiga a fim de garantir um espaço de manobra à tropa em proveito da qual se opera. Na execução de uma missão de segurança, o Esqd C Pqdt deve observar os fundamentos da segurança, descritos a seguir:

5.2.3.2 Proporcionar um alerta preciso e oportuno ao escalão superior – A F Seg deve informar ao Esc Sp, precisa e oportunamente, sobre a localização ou movimento das forças inimigas que possam constituir uma ameaça à missão deste escalão. Somente pelo alerta oportuno e informações precisas, fornecidas pela F Seg ao Esc Sp, pode o Cmt deste decidir sobre a aplicação dos seus meios, prazo e local para engajar-se com o inimigo e manobrar suas forças, a fim de obter a surpresa e vantagens táticas.

5.2.3.3 Garantir espaço para a manobra - A F Seg deve operar suficientemente distante da tropa em proveito da qual opera, de modo a garantir a esta o prazo e o espaço suficientes para que possa manobrar, buscando ou evitando o contato com o inimigo. A distância, entre a F Seg e a tropa em proveito da qual opera, é função do grau de segurança desejado por esta e da análise judiciosa dos fatores da decisão.

5.2.3.4 Orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera - Uma F Seg manobra de acordo com a localização ou movimento da tropa em proveito da qual opera, interpondo-se entre ela e a conhecida ou provável ameaça do inimigo.

5.2.3.5 Executar um contínuo reconhecimento - Toda F Seg deve executar um contínuo e agressivo reconhecimento. Este fornece ao comandante informes sobre o terreno e o inimigo em sua zona de ação e ainda possibilita a localização adequada da F Seg em relação à tropa, em proveito da qual opera, e à ameaça inimiga. O reconhecimento possibilita ao Esc Sp a segurança pela informação, mantendo-o alertado sobre a localização e movimentos do inimigo e fornecendo outros dados obtidos com a manutenção do contato, eliminando a possibilidade da força, em proveito da qual opera, vir a ser surpreendida.

5.2.3.6 Manter o contato com o inimigo - O contato com o inimigo deve ser mantido até que este não constitua mais uma ameaça ou que se afaste da Z Ac da tropa em proveito da qual a força opera. O Cmt de uma F Seg não pode, voluntariamente, romper o contato com o inimigo. Isto só ocorrerá por ordem superior. Deve-se impedir que a força inimiga surpreenda a força protegida. Se a força inimiga se deslocar para Z Aç de uma unidade vizinha, deve-se informar essa unidade, auxiliando-se esta a estabelecer o contato com o inimigo.

5.2.4 FINALIDADE DA OPERAÇÃO DE SEGURANÇA

5.2.4.1 O Esqd C Pqdt executa uma operação de segurança, para atingir uma ou mais finalidades abaixo:

- a) negar ao inimigo o uso da surpresa e/ou monitoramento das ações da tropa em proveito da qual opera;
- b) impedir que o inimigo interfira, de modo decisivo, nas ações da tropa em proveito da qual opera;
- c) restringir a liberdade de atuação do inimigo nos ataques a pontos sensíveis da Z Aç da tropa em proveito da qual opera;
- d) possibilitar que a tropa em proveito da qual opera mantenha a iniciativa das ações, fornecendo-lhe o tempo necessário para reagir às ações do inimigo; e
- e) preservar o sigilo das operações da tropa em proveito da qual opera.

5.2.5 GRAUS DE SEGURANÇA

5.2.5.1 Existem três graus distintos de segurança e em dois deles (Proteção e Vigilância), o Esqd C Pqdt tem um rol de de tarefas que deve estar apto a cumprir, conforme explicitado a seguir:

5.2.5.1.1 Cobertura (Cob)- Cobrir é a ação que proporciona Seg a determinada região ou força, por meio de elementos taticamente autônomos que atuam distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, engajá-lo, retardá-lo, desorganizá-lo ou iludi-lo antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou força coberta. A tarefa de cobrir envolve a reação contra qualquer ataque ou agressão real ou iminente e inclui a possibilidade de realizar ações ofensivas e defensivas. Por necessitar de elementos taticamente autônomos, o Esqd C Pqdt não cumprirá esse tipo de missão.

5.2.5.1.2 Proteção (Ptç) - Proteger é a ação que proporciona Seg à determinada região ou força, pela atuação de elementos à frente, à retaguarda (Rtgd) ou no flanco (Flc) imediato, de forma a impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida. A tarefa de proteger envolve a reação contra qualquer ataque ou agressão real ou iminente e inclui a possibilidade de realizar ações ofensivas ou defensivas.

5.2.5.1.3 Vigilância - Vigiar é a ação que proporciona segurança a determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar, registrar e informar com os meios disponíveis qualquer anormalidade ocorrida no setor de observação (presença do inimigo, por exemplo), tão logo que ele entre no raio de ação ou no campo dos instrumentos do elemento que a executa.

5.2.5.2 A principal diferença entre uma F Cob e uma F Ptç reside na distância entre essas e a força coberta ou protegida. Enquanto a primeira atua além da distância do apoio do fogo orgânico da tropa coberta, a segunda atua dentro do alcance do apoio de fogo orgânico da força protegida.

5.2.6 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE

5.2.6.1 As medidas de coordenação e controle mais comumente utilizadas pelas F Seg são as seguintes:

5.2.6.1.1 Ponto de Controle - Nas Op Seg os P Ct devem ser marcados, obrigatoriamente, sobre o ltn Prog do Esqd nas seguintes situações:

- a) entradas e saídas das P Blq;
- b) cruzamento do ltn Prog sobre Rio Obt;
- c) entrada e saída de localidades;
- d) ponto de início ou término do ltn Prog através campo;
- e) mudanças bruscas na direção de deslocamento.

5.2.6.1.2 Linha de Controle - Em Op Seg as L Ct são traçadas com as seguintes finalidades:

- a) regular a Prog da F Seg;
- b) balizar uma possível posição de Rtrd ou Vig; e
- c) balizar a linha sobre a qual deverão ser marcadas as P Blq ou P Vig iniciais. Neste caso esta linha é imposta pelo Esc Sp e restringe o Mvt da F Seg.

5.2.6.1.3 Pontos de Ligação

- a) Os P Lig são marcados entre as P Blq com as seguintes finalidades:
 - 1) estender a observação à frente e nos Fln; e
 - 2) definir a A Rspnl dos Esqd que as estiverem ocupando.
- b) Os P Lig impostos pelo Esc Sp a fim de coordenar a ligação da F Seg com o corpo principal balizam o limite da A Rspnl da F Seg.

5.2.6.1.4 Itinerário de Progressão - O Itn Prog da F Seg deverá possuir as seguintes características:

- a) interior às P Blq ou P Vig;
- b) afastado o suficiente para não interferir com a Man do corpo principal;
- c) permitir fácil acesso as P Blq ou P Vig;
- d) orientado para o Obj ou P Blq; e
- e) paralelo ao E Prog do corpo principal.

5.2.6.1.5 Posições de Bloqueio - As P Blq, sempre que possível, terão as seguintes características:

- a) domínio sobre as principais penetrantes do Ini;
- b) aproveitamento do terreno com boas características defensivas;
- c) paralelas ao E Prog da F Ptg ou Cob;
- d) afastadas suficientemente do corpo principal a fim de proporcionar tempo e espaço para a manobra; e
- e) dentro da distância de Ap Art.

5.2.6.2 Outras medidas de coordenação e controle, além das já citadas, são muito utilizadas nas operações de Seg os objetivos, **como** os limites e as regiões de destino.

5.2.7 FORÇAS DE SEGURANÇA

5.2.7.1 As operações de Seg são realizadas, basicamente, por forças de:

5.2.7.1.1 cobertura (avançada, de flanco e de retaguarda);

5.2.7.1.2 proteção (vanguarda, flancoguarda e retaguarda); e

5.2.7.1.3 vigilância.

5.2.7.2 São incluídas também, entre as missões de Seg:

5.2.7.2.1 o estabelecimento de uma ligação entre duas outras forças de maior valor, visando, principalmente, tamponar uma brecha, denominada Força de Ligação (F Lig).

5.2.7.2.2 a Seg de área de retaguarda (F Seg AR).

5.2.7.2.3 e as forças que operam na A Seg da Def A, ocupando os PAC e os PAG.

5.2.7.3 Forças de Cobertura

5.2.7.3.1 Pelo seu efetivo, possibilidades e limitações, bem como pelos fundamentos de emprego das forças de cobertura, o Esqd C Pqdt não cumprirá esse tipo de missão.

5.2.7.4 Força de Proteção

5.2.7.4.1 A força de proteção é uma força de segurança que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os tiros diretos e o ataque de surpresa do inimigo. Ela repele, destrói e retarda, de acordo com suas possibilidades, os elementos inimigos que ameacem a força protegida.

5.2.7.4.2 A força de proteção opera, em princípio, dentro do alcance dos fogos de apoio da força em proveito da qual opera. O Esqd, portanto, quando executando uma F Ptç em proveito da Bda Inf Pqdt, poderá operar dentro do alcance dos fogos da Art Pqdt. Já o Pel quando atuando como F Ptç em proveito de um dos BI Pqdt, se possível, dentro do alcance dos fogos dos Mrt.

5.2.7.4.3 A força de proteção é constituída, normalmente, de elementos orgânicos da força protegida ou que a estejam reforçando. O Esqd C Pqdt, geralmente, opera como F Ptç da Bda Inf Pqdt.

5.2.7.4.4 O Pel C Pqdt operará como F Ptç de um determinado BI Pqdt quando ocasionalmente, estiver reforçando uma destas peças de manobra da Bda Inf Pqdt, e assim tiver decidido o Cmt da unidade reforçada.

5.2.7.4.5 Para a execução de uma F Ptç, o Esqd C Pqdt poderá receber elementos de Eng e Art em Ref ou Ap Dto. Estes meios deverão ter uma Mblid compatível com a do Esqd.

5.2.7.4.6 De acordo com sua posição em relação à força principal, a F Ptç denomina-se vanguarda, flancoguarda e retaguarda; contudo, a missão de proteção, que normalmente caberá ao Esqd, durante a realização de uma Op Aet, será a execução de uma vanguarda, seja durante o assalto, seja durante a consolidação da C Pnt Ae.

5.2.7.4.7 Nessa fase, a velocidade de progressão do Esqd C Pqdt, como F Ptç, será regulada pela da força em proveito da qual opera e a distância deverá ser suficiente para assegurar àquela força, o tempo e o espaço necessários para manobrar em face de uma ameaça inimiga.

5.2.7.4.8 A Seç Vig Ter e a TU SARP podem monitorar os espaços desprotegidos, tendo em vista as Op Aet normalmente não conduzirem uma manobra de natureza linear.

5.2.7.4.9 O Esqd C Pqdt na Vanguarda

a) A vanguarda é uma força de proteção que opera à frente de um grosso e atrás da F Cob (quando esta for empregada), dentro da distância de apoio de fogo da força protegida em movimento ou em posição, assegurando seu avanço ininterrupto e/ou protegendo-o de ataques de surpresa.

b) A Vgd proporciona o esclarecimento da situação o mais cedo possível, evitando a surpresa, protegendo o desdobramento do grosso e facilitando sua progressão pela remoção de obstáculo, limpeza de itinerários e localização de roçadas alternativas (desbordamentos), de acordo com suas possibilidades.

c) Numa Op Aet, o Esqd C Pqdt pode executar a Vgd da Bda Inf Pqdt. Isto ocorre quando as ZL estão afastadas da C Pnt Ae, obrigando o Esc Ass a realizar uma marcha tática até seus objetivos. Pode também proteger a Mnt da LC Pnt Ae, através da execução de uma Vgd, atuando em uma operação com características defensivas. Em ambos os casos o Esqd estará operando, geralmente, fora dos limites da C Pnt Ae.

d) Em ambos os casos a vanguarda progride tão rapidamente quanto permita a situação. Executa um contínuo reconhecimento e recalca ou destrói pequenos elementos inimigos, antes que interfiram na progressão do grosso. Emprega todos os elementos disponíveis para determinar a localização, valor, dispositivo e composição do inimigo.

e) A vanguarda atua suficientemente afastada do grosso para assegurar a este o tempo e o espaço necessário, ou seja, a liberdade de manobra para o emprego de seus elementos. Entretanto, não deverá estar tão afastado que esteja fora da distância de apoio da força protegida ou que corra o risco de ser destruída por um ataque inimigo.

f) As distâncias são reduzidas à noite, em terrenos cortados, sob condições de visibilidade restrita e durante condições meteorológicas adversas.

g) Em presenças de forças inimigas superiores, o Esqd C Pqdt conduzirá, Mdt O, uma ação retardadora, a partir da posição de bloqueio ocupada em direção à L C Pnt Ae.

h) A missão de vanguarda recebida do Esc Sp deve incluir:

- 1) Itinerário ou eixo de progressão do grosso;
- 2) Velocidade de deslocamento do grosso;
- 3) Apoio de fogo disponível;
- 4) Frente a ser ocupada;
- 5) Apoio aéreo disponível;
- 6) Situação tática;
- 7) Ação em fim de missão; e
- 8) Limite de progressão, quando a missão for de caráter defensivo.

i) O Esqd deverá adotar um dispositivo de coluna ou de linha de Pel. A formação de coluna será empregada quando a situação do inimigo for conhecida ou a força protegida estiver se deslocando em apenas um E Prog; já a formação em linha será empregada quando a situação do inimigo for desconhecida ou a força protegida estiver se deslocando em mais de um E Prog. Em ambos os casos os Pel C Pqdt que estiverem desdobrados deslocar-se-ão empregando técnicas de Rec Zona.

j) O quadro abaixo apresenta algumas características normais das formações do Esqd C Pqdt em uma missão de Vgd.

| | Esqd em coluna de Pel | Esqd em linha de Pel |
|----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Elm Testa | - 01(um) Pel Desd Dsloc Emp técnicas de Rec Zona. | - 02(dois) ou mais Pel Desd Dsloc Emp técnicas de Rec Zona. |
| Res ou 2° Esc | - 02(dois) Pel em 2° Esc | - 01(um) Pel eixado com a Z Aç Pcp |
| Sec Vig Ter | - Dsloc nos Fln da F Ptg (SFC). | - Dsloc nos Fln da F Ptg (SFC). |
| Trens | - Dsloc por lanços de R Dstn em R Dstn | - Dsloc por lanços de R Dstn em R Dstn |
| PC Tat | - À Rg do Pel testa | - À Rg do Pel testa do E Prog Pcp |
| PC | - Idem Trens | - Idem Trens |
| Ap Eng (SFC) | Dsloc à Rg Pel testa. Elm Eng (GE) Dsloc junto com o Pel testa. | Dsloc à Rg Pel testa do E Prog Pcp. Elm Eng (GE) Dsloc junto com o Pel testa. |
| Ap Art (SFC) | Dsloc em Mvt Cont a Fr do Ultm Elm Man. Face à Nec Ap Dsloc por lanço de RPP em RPP | Dsloc em Mvt Cont a Fr do Ultm Elm Man do E Prog Pcp. Face à Nec Ap Dsloc por lanço de RPP em RPP |

Quadro 5-1 — Formações do Esqd C Pqdt na vanguarda

k) Independente da organização e dispositivo adotados pelo Esqd C Pqdt, o elemento testa da Vgd é responsável por sua segurança à frente e nos flancos. Normalmente o Esqd o apoiará com meios de vigilância terrestre e a prioridade de fogos.

l) À noite, ou quando o contato com o inimigo é iminente, a velocidade de marcha deve ser ditada pela vanguarda, ao passo que em outras ocasiões, a vanguarda se ajusta à velocidade do grosso.

m) A vanguarda, em geral, ataca diretamente da coluna de marcha, para destruir as forças inimigas que tentem impedir sua progressão. O comandante do Esqd C Pqdt deve estar atento para realizar ataques de oportunidade, sempre que a situação o permitir.

n) Caso a Vgd não consiga prosseguir no seu deslocamento, em face a ação inimiga, o Esqd adotará uma atitude defensiva, ocupando uma posição no terreno em condições de apoiar a ultrapassagem da força protegida. Nessa situação, apesar de adotar uma atitude defensiva, os seus Pel realizarão ações para levantar o dispositivo do inimigo, a fim de orientar as ações da força protegida.

o) Em uma Mis de Vgd a Eng que Ap o Esqd C Pqdt terá a sua prioridade de trabalho voltada para a realização de serviços que aumentem a mobilidade do Esqd.

p) O Ap F de Art para a Vgd poderá ser prestado pela F Ptg ou por uma Bia/GAC em Ap Dto ou Ref.

r) Caso o Esqd receba uma Bia O em Ap Dto ou Ref o planejamento dos fogos deste Elm será a cargo da F Ptg.

5.2.7.4.10 O Esqd C Pqdt como Flancoguarda

a) Flancoguarda é uma força de proteção que opera no flanco de uma força estacionada ou em movimento, para protegê-la da observação terrestre, dos fogos diretos e de qualquer ataque de surpresa do inimigo. Ela destrói ou retarda o inimigo de acordo com suas possibilidades. Pode ser empregada durante operações ofensivas e defensivas. Nas operações ofensivas ou nos movimentos retrógrados, a flancoguarda é móvel (Fg Mv). Quando a força protegida está conduzindo uma Def Pos, a flancoguarda é normalmente fixa. No caso particular das Op Aet, a Fg em operações defensivas confunde-se com a Vgd.

b) Nas operações ofensivas a tropa que a executa poderá lançar flancoguarda fixa em determinadas regiões, particularmente quando a ameaça inimiga for de pouca monta ou quando o terreno oferecer possibilidades de atuação do inimigo apenas naquelas direções.

c) O Esqd C Pqdt como Fg Mv

1) O Esqd C Pqdt atua como Fg Mv especialmente quando a ZL encontra-se afastada da L C Pnt Ae, durante a M Cmb da F Ptg, e protege o corpo principal através da ocupação de uma linha de P Blq sobre as principais penetrantes que incidem no Fln da F Ptg.

2) A Fg Mv possui as seguintes missões:

a) Manter uma contínua observação sobre as penetrantes que incidem no Fln da F Ptg;

b) Reconhecer a zona entre a F Ptg e a linha de P Blq;

c) Manter o contato com a retaguarda da unidade testa do grosso (F Ptç);

d) Destruir ou repelir os Elm Rec do inimigo;

e) Destruir, repelir ou fixar as forças terrestres inimigas antes que estas forças engajem com fogos diretos a F Ptg; e

f) Manter contato com a unidade retaguarda do grosso (F Ptç).

3) No interior da A Seg da Fg, o Esqd C Pqdt deverá conduzir um retardamento, ocupando P Blq sobre as penetrantes, de forma a evitar ação Ini sobre o grosso.

4) A flancoguarda regula sua velocidade de progressão pela do grosso. Deve estar suficientemente afastada do mesmo, de modo a assegurar a este o tempo e o espaço necessários à manobra. Esta distância não é fixa, e depende dos fatores da decisão. Em princípio, deve estar dentro do alcance das armas de apoio do grosso.

5) Se a área de atuação tornar-se tão extensa que não possa ser protegida adequadamente, o comandante da flancoguarda deve propor ao comandante que o destacou, a vigilância de parte da mesma ou ser liberado da responsabilidade de segurança de parte da retaguarda da área.

6) O comandante da força protegida especifica que unidades devem ser protegidas ou determina a zona de ação da flancoguarda.

7) Os processos básicos de deslocamento de flancoguarda móvel são: movimento contínuo, lanços alternados e lanços sucessivos. O comandante escolherá o mais adequado, levando em consideração, particularmente, a velocidade do grosso, o terreno e as possibilidades do inimigo.

8) A progressão por lanços alternados é usada quando a força protegida avança com pouca velocidade e há possibilidade de forte ameaça inimiga.

9) A progressão por lanços sucessivos é usada quando a força protegida faz altos freqüentes e curtos e não há previsão de forte ameaça inimiga.

10) A progressão em movimento contínuo é usada quando a força protegida avança sem paradas e a possibilidade de atuação do inimigo no flanco é remota.

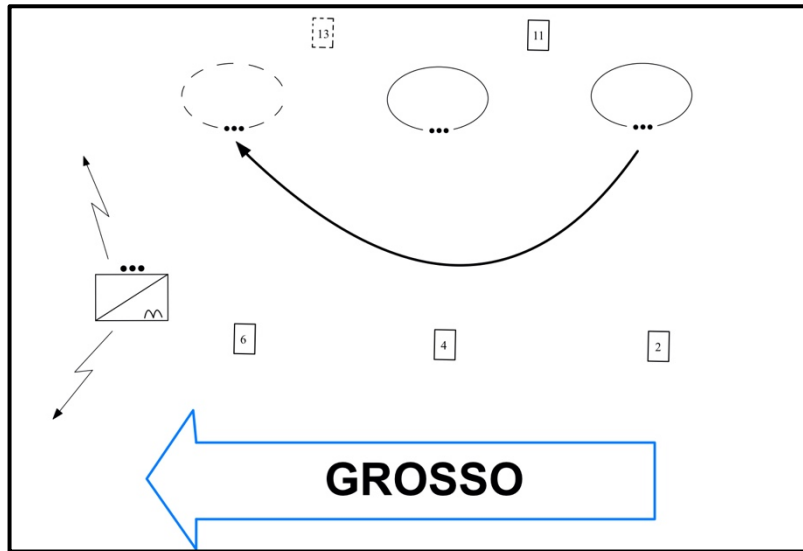


Figura 5-4 — Lanços alternados

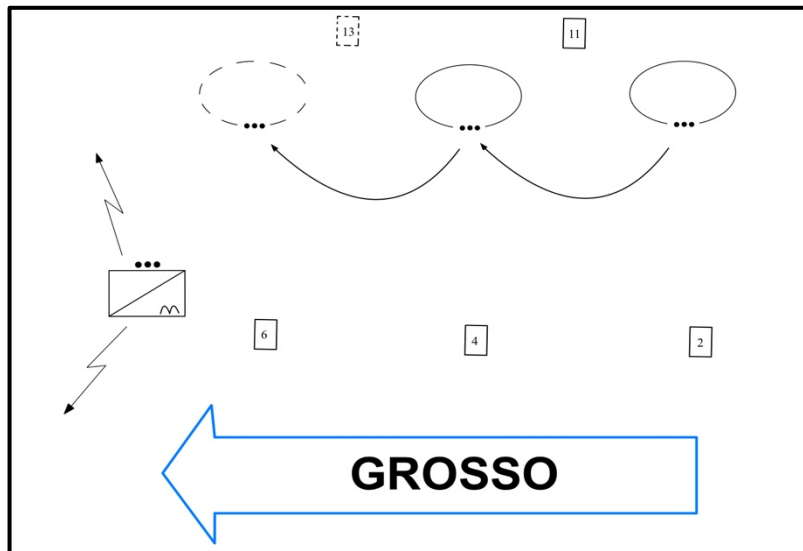


Figura 5-5 — Lanços sucessivos

11) O quadro abaixo apresenta um sumário de vantagens e desvantagens dos processos citados acima:

| | Lanços Alternados | Lanços Sucessivos | Movimento Contínuo |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| Considerações sobre o Ini e F Ptg | Aç forte do Ini no Fln é esperada. - F Ptg Dsloc lentamente. | Aç fraca do Ini no Fln é esperada. F Ptg Dsloc com altos freqüentes e curtos. | Ctt com o Ini não é esperado. F Ptg Dsloc em grande velocidade. |
| Vantagens | - Mais seguro. | - Menos seguro. | - Processo de Dsloc mais rápido. |
| Desvantagens | - Mais lento. | - Mais rápido. | - É o processo menos seguro. |

| | | | |
|-------------|--------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|--|
| Observações | - Durante os lanços haverá, sempre, um Pel em posição. | - Durante os lanços a desocupação e Ocp das P Blq será Rlz pelos Pel simultaneamente. | |
|-------------|--------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|--|

Quadro 5-2 — Processos de deslocamento em uma Fg Mv.

d) Planejamento e conduta da flancoguarda

1) O Cmt Esqd, inicialmente, faz o estudo na carta da área de operações e seleciona as vias de acesso no flanco mais provável para a aproximação do inimigo. Seleciona uma série de posições de bloqueio no flanco, geralmente, paralelas ao eixo de progressão da força protegida. Estas devem ser localizadas em terreno com boas características defensivas e que dominem os eixos que incidam sobre o flanco. Devem também, estar suficientemente longe do flanco da força protegida, para propiciar alerta oportuno da aproximação do inimigo e para permitir tempo e espaço suficiente à manobra contra a ameaça inimiga.

2) As posições de bloqueio devem negar ao inimigo a possibilidade de realizar a observação terrestre e os fogos diretos sobre a força protegida e ficar dentro do alcance do apoio da artilharia da mesma. Se o Esqd encontrar uma força inimiga superior, as posições de bloqueio devem proporcionar tempo e espaço necessário à conduta da força de proteção e desdobramento da força protegida. A distância entre o eixo de progressão ou o flanco da força protegida e a linha das posições de bloqueio não deve ser tão grande que um pelotão não possa proteger a frente considerada.

3) O comandante do Esqd seleciona o itinerário de progressão, a menos que ele tenha sido prescrito pelo escalão superior. O itinerário de progressão deve estar afastado suficientemente do eixo de progressão para evitar a interferência da flancoguarda com as manobras do grosso. O itinerário deve permitir acesso rápido às posições de bloqueio. Sobre este itinerário é que serão localizadas as regiões de destino.

4) O comandante do Esqd elabora um esquema de manobra que permita ocupar as posições de bloqueio selecionadas e proteger a área entre o eixo de progressão da unidade testa do grosso e o seu próprio itinerário. O esquema de manobra prevê a conquista ou posse da posição de bloqueio final, seja por meio de uma fração do Esqd, seja pelo o Esqd como um todo.

5) Pontos de ligação são selecionados entre as posições de bloqueio para permitir a troca de informações entre os elementos que mantém cada posição. Quando um elemento ocupa uma posição de bloqueio, fica responsável pela área compreendida entre os dois P Lig em cada flanco.

6) O comandante do Esqd adota um dispositivo que lhe permita agir rapidamente contra uma ameaça inimiga. A formação selecionada, a composição de meios dos elementos de manobra, o poder de combate da reserva e a localização das regiões de destino, são algumas de suas preocupações. Todos os fatores capazes de facilitar o controle e de propiciar maior flexibilidade e adequada liberdade de ação deverão ser considerados.

7) O comandante do Esqd também seleciona uma L Ct paralela ao ltn Prog do esquadrão, entre este e o eixo de progressão da força protegida. Esta L Ct balizará uma última linha de posições de bloqueio, em condições de serem ocupadas pela força de proteção ainda no cumprimento de sua missão.

8) O elemento testa de uma flancoguarda móvel atua como vanguarda. Reconhece a área entre a força protegida e o itinerário de progressão do Esqd e mantém contato com a retaguarda da unidade testa da formação do grosso. Poderá ser necessário reforçar este elemento para que melhor possa executar a sua missão. O restante do Esqd deslocar-se-á em coluna e com seus elementos de combate em condições de ocupar as posições de bloqueio, mediante ordem. A decisão de ocupar estas posições depende da velocidade com que a força protegida progride e da situação do inimigo no flanco exposto. O processo de deslocamento selecionado depende da velocidade de progressão da força protegida e da situação do inimigo.

9) Algumas peculiaridades do dispositivo do Esqd C Pqdt em uma missão de Fg Mv serão apresentadas abaixo:

| | Mov Contínuo | Mov por lanços | Dspo em fim de Mis |
|-----------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| Pel Vgd | Desdobra-se Emp técnicas de Rec Zona. Lig com Rtgd do Elm testa do grosso | Desdobra-se Emp técnicas de Rec Zona. Lig com Rtgd do Elm testa do grosso | Conq Obj ou Ocp P Blq em fim de Mis. Lig com Rtgd do Elm testa do grosso. |
| Outros Elm Man | Compõe o 2º Esc Esqd. Adota Mdd Seg no Fln. Pel Rtgd do Dspo da Fg liga com a Rtgd F Ptg. Na ausência da Av, executa cortina de vigilância. | Ocp P Blq e compõe a Res. Pel Rtdg do Dspo liga com a Rtgd da F Ptg. | Ocp P Blq e compõe a Res; Pel Rtgd do Dspo liga com a Rtgd da F Ptg. |
| Sec Vig Ter | Empregado para monitorar espaços desprotegidos | Empregado para monitorar espaços desprotegidos | Empregado para monitorar espaços desprotegidos |
| Prio F | - Pel Vgd. | - Pel em Ctt Ini | - Pel da Fr Pcp |
| Reserva | - Não é o caso. | P Cmb de 01(um) Pel. Vocacionada para as P Blq. | P Cmb de 01 (uma) Pel. Ocp Pos central ou vocacionada para a penetrante mais importante. |
| Elm Eng | Dslc à Rtgd Pel Vgd. Ap a Mbld. | Dslc à Rg Pel Vgd. Ap a Mbld e C Mbld | - Ap a C Mbld e proteção. |

| Trens | - Movimento contínuo. | - Ocp R Dstn | - R Dstn em Pos central. |
|--------------------------------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| Meios Ae (Av Ex e F Ae) | Vig Amv à Fr da linha de P Blq. Rlz cortina de Vigilância | Ap Ae Aprx às Aç nas P Blq. Vig Amv à Fr da linha de P Blq. | Ap Ae Aprx às Aç em fim de Mis. Vig Amv à Fr da linha de P Blq. |

Quadro 5-3 — Dispositivo do Esqd C Pqdt

10) Flancoguarda em um movimento retrógrado - As ações de flancoguarda num movimento retrógrado são semelhantes àquelas de uma flancoguarda para uma força em deslocamento à frente. A diferença é que a área de responsabilidade da flancoguarda deve ser estabelecida pelo comandante da força que executa o movimento retrógrado.

11) O Esqd C Pqdt, compondo uma Fg Fix, ocupará com seus Pel C Pqdt, P Blq semelhantes às ocupadas em final de uma missão de Fg Mv. Deverá manter um Res posicionada em profundidade e em condições de desaferrar, através de C Atq, elementos que estejam decisivamente engajados, reforçar os Elm em 1º Esc ou acolher, em uma Pos intermediária e, os Elm de 1º Esc que estiverem mais pressionados. A Fg Fix se confunde com a Vgd, devido ao dispositivo circular da C Pnt Ae.

5.2.7.4.11 O Esqd C Pqdt como Retaguarda

a) A retaguarda é uma força de proteção que, operando atrás de uma força principal que se desloca em movimento para frente ou em movimento retrógrado, resguarda a força protegida de qualquer ação terrestre do inimigo. Segue a força protegida a uma distância determinada pelo comandante desta e, em princípio, pelo mesmo eixo de progressão. A retaguarda atua de modo a evitar que o inimigo a desvie, a ultrapasse ou a recalque antes que a força, em proveito da qual opera, possa oferecer condições de reação. A Rtg

b) Planejamento e conduta de uma retaguarda

1) No planejamento de uma ação de retaguarda o Cmt Esqd deve: analisar o terreno, a fim de selecionar posições de retardamento, verificar os meios a adotar e a organização para combate adequada ao tipo de missão, designar os elementos que receberão missões de reconhecimento e segurança, particularmente nos flancos de formação, determinar as missões dos elementos de apoio, se houver, verificar os planos da força protegida e assegurar a ligação contínua com o Cmt dessa força, designar os elementos para o prévio reconhecimento das P Rtrd e prever os deslocamentos e localizações do PC e dos trens.

2) Ligações devem ser mantidas com a força protegida para regular o retraimento. O comandante do Esqd necessita ter conhecimento do plano da força protegida. As comunicações entre o comandante da força protegida e o comandante do Esqd devem ser contínuas, de tal forma que ambos possam estar informados de qualquer situação que afete o retraimento da retaguarda.

3) O Esqd segue a força protegida, ocupando posições sucessivas de retardamento, a uma distância e intervalo determinados. Quando o contato com o inimigo for estabelecido ou estiver iminente, o esquadrão ocupa posição de retardamento até que a força protegida tenha liberado a posição de retardamento seguinte.

4) O Esqd engaja-se com forças inimigas que ameacem a retaguarda da força protegida. O esquadrão combate executando uma ação retardadora, trocando espaço por tempo, até que a força protegida se encontre fora do alcance das ações do inimigo. Estabelecido o contato com o inimigo, este é mantido até que não possa causar nenhuma ameaça à força protegida ou que se desloque para fora da área de responsabilidade do Esqd.

5) A Rtgd neutraliza ou retarda as forças inimigas que atacarem a retaguarda do grosso, protege os trens e realiza a coleta de extraviados. O Cmt do grosso prescreve a distância, dentro do alcance da sua Art, a que a Rtgd deverá marchar, a fim de que seja possível apoiá-la pelo fogo em um contra-ataque.

6) O Esqd C Pqdt, atuando como Rtgd desloca-se, em princípio, pelo mesmo eixo do grosso.

7) O Cmt Esqd empregará seus Pel como em uma Aç Rtrd, ocupando P Blq, atribuindo-lhes Z Aç e ltn Ret e controlando o movimento por L Ct.

8) Caso o Esqd C Pqdt seja apoiado por tropas de Eng, deve empregá-los para executar destruições e instalar campos de minas e outros obstáculos, a fim de retardar ao máximo a progressão do inimigo. Caso o movimento do Ini force o retraimento, todo o material que não puder ser evacuado deve ser destruído.

5.2.7.5 Força de Vigilância

5.2.7.5.1 A força de Vigilância é a F Seg que proporciona um alerta, o mais cedo possível, pela observação sobre uma área estendida à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento.

5.2.7.5.2 A operação de vigilância difere da ação comum de vigilância por ser realizada mediante ordem do escalão superior e em proveito de suas operações, enquanto a ação comum é realizada por todas as tropas nas situações de guerra e não guerra, mediante ordem de seu próprio comandante e em proveito próprio.

5.2.7.5.3 As missões da força de vigilância têm por finalidade:

- a) Proporcionar um alerta oportuno da aproximação do inimigo;
- b) Obter e manter o contato visual com forças inimigas e informar sobre seu deslocamento;
- c) Destruir ou repelir patrulhas inimigas; e
- d) Impedir o avanço das forças inimigas pelo emprego dos fogos de longo alcance, tanto os de apoio como os orgânicos.

5.2.7.5.4 Uma missão de vigilância é dada quando, por economia de meios, uma extensa área deve ser mantida sob observação e há poucos meios disponíveis para executar a missão. A missão se traduz no estabelecimento de uma “cortina de vigilância” (fixa ou móvel) que é executada pela instalação de uma série de postos de observação, que cobrem as vias de acesso do inimigo. Patrulhas a pé, motorizadas e aéreas reconhecem aquelas áreas que não podem ser observadas dos postos de observação.

5.2.7.5.5 Vigilância é o menor grau de segurança que pode ser proporcionado para uma força. Este grau de segurança permite que o Cmt Esc Sp economize meios em parte da frente e concentre o seu poder de combate na parte mais importante da Z Aç.

5.2.7.5.6 As operações de vigilância são de natureza defensiva porém possuem um caráter dinâmico. Os postos de observação estáticos são apenas uma parte de todo o sistema de vigilância. Ações ofensivas por parte da Res, ocupação de linhas de vigilância subseqüentes e a aplicação de fogos diretos e indiretos são ações que deverão ser executadas pelas F Vig.

5.2.7.5.7 O Esqd C Pqdt, por suas características, é a tropa mais apta a realizar operações de vigilância (fixa ou móvel) em prol da Bda Inf Pqdt.

5.2.7.5.8 A F Vig possui as seguintes missões:

- a) Manter uma contínua observação sobre as penetrantes que incidem na Z Aç do Esc Sp e sobre os pontos críticos existentes no seu setor em todas as condições de visibilidade;
- b) Dentro da sua capacidade e baseado nas diretrizes do Esc Sp destruir ou repelir os Elm Rec do Ini;
- c) Localizar o elemento testa da formação Ini e determinar a sua direção de movimento;
- d) Informar sobre as atividades do inimigo e/ou sobre atividades civis em determinada área;
- e) Manter o contato com o Ini identificado e
- f) Proporcionar o alerta da Aprx do Ini.

5.2.7.5.9 A extensão da frente a ser vigiada é definida pelo Esc Sp baseada nos fatores da decisão. Dentre estes fatores, em missões de Vig, o fator terreno é o preponderante, pois da sua análise são levantados os corredores de mobilidade do Ini.

5.2.7.5.10 A linha de vigilância é materializada por uma L Ct imposta pelo Esc Sp e tem a característica restritiva de limitar o avanço da F Vig. Esta L Ct poderá ser até mesmo a L C Pnt Ae, se esta for de grande extensão e possuir frentes em que haverá a necessidade de conduzir uma Vig.

5.2.7.5.11 A Vig será estabelecida em uma linha de P Obs (e de escuta) complementada pelo patrulhamento de partes específicas da Z Aç, pelo emprego de meios de vigilância terrestre e, quando disponível, por meios da F Ae e da Av Ex. Linhas de vigilância subsequentes devem ser previstas, para o caso de o inimigo forçar um retraimento dos postos de vigilância iniciais.

5.2.7.5.12 No Pel C Pqdt, normalmente, cabe aos G Exp estabelecerem os postos de observação e patrulhar o setor recebido. As demais frações são, geralmente, mantidas um pouco à retaguarda e em posições centrais em relação à linha de PO do pelotão, ou em posições que barrem a principal via de acesso. Elas são empregadas na destruição das patrulhas inimigas e no auxílio ao retraimento dos postos de observação.

5.2.7.5.13 No Esqd C Pqdt os principais meios de obtenção de inteligência empregados na vigilância são os meios óticos e oprônicos, os radares de vigilância terrestre e câmeras de longo alcance da Seção de Vigilância Terrestre, a TU SARP e a Seç Caçadores;

5.2.7.5.14 Via de regra, cada PO vigiará apenas uma via de acesso.

5.2.7.5.15 Planejamento da Op Vig

a) A vigilância é particularmente importante nas Op Aet tendo em vista que, nesse tipo de operação, as zonas de ação atribuídas são extensas, criando-se, por vezes, vazios operacionais entre as peças de manobra da Bda.

b) Ao planejar uma operação de vigilância, o comandante do Esqd divide a área a ser vigiada em zonas de ação de Pel. Nesta divisão, considera a existência de vias de acesso mais favoráveis para o inimigo e reduz a frente do elemento encarregado de áreas onde seja maior o número dessas vias de acesso. O planejamento da operação de vigilância do Esqd deve prever o estabelecimento de postos de observação e o lançamento de patrulhas terrestres à frente e entre os PO. O poder de combate da reserva é reduzido, face à extensão considerável da frente de vigilância do Esqd. Os elementos aéreos, quando disponíveis, apóiam as ações terrestres, mantendo o contato com a força de vigilância. O planejamento deve prever a destruição de pequenas formações inimigas pelos elementos aéreos.

c) O comandante do esquadrão planeja a operação de vigilância, observando as seguintes considerações:

- d) Após o recebimento da missão, faz seu estudo da situação na carta, uma vez que, quase sempre, o tempo disponível e a largura da frente impedem de executar este estudo no terreno;
- e) Baseado no estudo na carta, escolhe a localização geral de cada posto de observação e determina os pontos de ligação entre eles;
- f) Partindo do princípio de que cada pelotão pode instalar de três até seis postos de observação, divide os postos de observação por seus pelotões; o normal é dividir os postos de observação na base de três por Pel C Pqdt;
- g) Coordena o plano de fogos com a artilharia, visando à inquietação e o retardamento do inimigo;
- h) Escolhe e designa as medidas de controle para a operação; habitualmente emprega linhas de controle para coordenar o retraimento dos pelotões; e
- i) Caso disponha de meios aéreos sob seu controle operacional, atribui missão a esses elementos.
- j) O Cmt do esquadrão poderá atribuir a Sec Vig Ter um setor de vigilância específico, ou poderá determinar que esta fração reforce um dos pelotões; normalmente o Pel reforçado será aquele que tiver a seu cargo o maior número de vias de acesso, ou o setor de vigilância mais importante.
- k) O Cmt da F Vig definirá em suas diretrizes o seguinte:
- 1) Critérios de engajamento:
 - Qual o poder de combate do Ini que deverá ser engajado pelos Pel de 1° Esc?
 - Onde os Pel de 1° Esc realizarão o seu engajamento?
 - Qual o poder de combate do Ini que será engajado pela Res?
 - Onde a Res realizará os seus engajamentos?
 - Critérios de desengajamento:
 - Quais as condições para o desengajamento dos Elm 1° Esc?
 - Como será mantido o Ctt durante a mudança da linha de vigilância?
 - 2) Apoio de fogo:

- Qual é a Prio Ap F?
- Qual é o Ap F disponível?
- Como serão apoiados os engajamentos?
- Como serão apoiados os retraimentos?

3) Conduta:

- Posto de observação que localiza um elemento inimigo informa sua localização, valor e direção de deslocamento e procura permanecer oculto. A seção MAC e a peça de apoio do pelotão empenhar-se-ão pelo fogo, na hostilização deste inimigo.

- Uma vez estabelecido o contato com o inimigo, o esquadrão informa e procura determinar seu valor, composição, dispositivo e direção de movimento.

- Quando uma força inimiga superior se aproxima da linha de vigilância, os postos de observação mantêm o contato visual e usam de todos os meios para inquietá-la e retardá-la. Neste caso, os postos de observação podem ser reforçados para melhor observar, informar e, mesmo intervir nas ações do inimigo.

- Em presença de forças inimigas superiores, o Esqd C Pqdt retrai, mantendo o contato permanentemente, até que seja acolhido ou que o inimigo saia de sua zona de ação. No caso do inimigo abandonar a zona de ação do esquadrão, este deve informar às unidades vizinhas sobre a direção de seu movimento, caso constitua ameaça a estas unidades.

- Quando o flanco de uma força em movimento deva ser vigiado, a missão é conduzida como uma operação de flanco guarda móvel, com as seguintes ressalvas:

- O Esqd, normalmente, não tem responsabilidade pela área entre ele e a força protegida, como acontece com a flanco guarda;

- O Esqd nem sempre estará dentro do alcance do apoio da força protegida;

- A força de vigilância ocupa postos de observação sucessivos ou alternados, ao longo do flanco, em vez de posições de bloqueio.

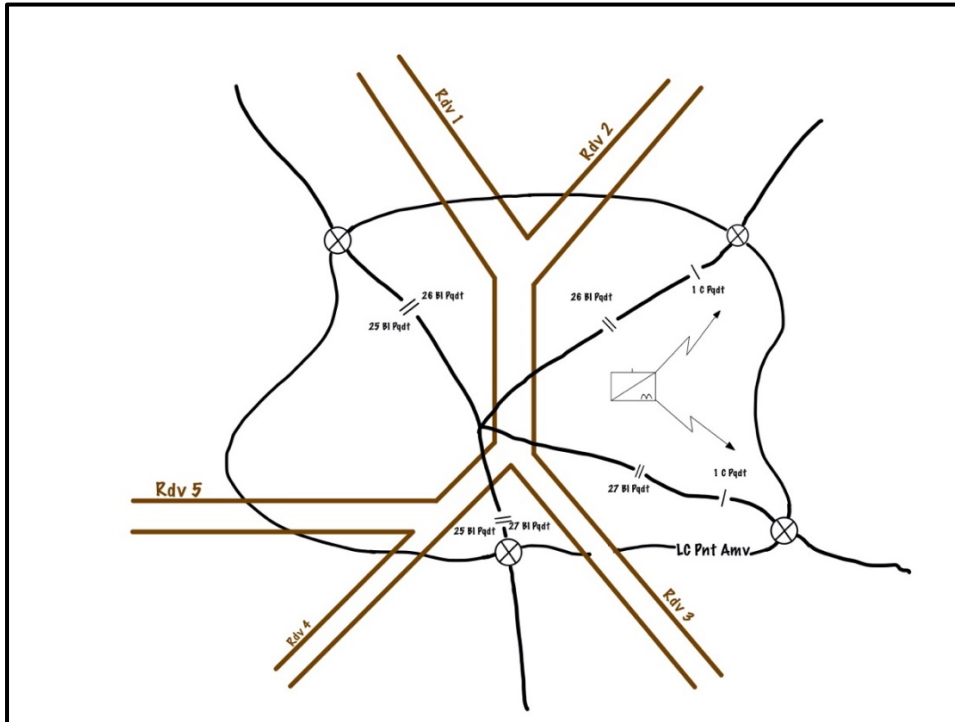


Fig 5-6 — O Esqd C Pqdt, ocupando um setor de vigilância da C Pnt Ae

5.2.7.5.16 Vigilância fixa

- a) Diz-se que a operação de vigilância é fixa, quando realizada em proveito de uma tropa estacionada ou instalada no terreno.
- b) Nesse tipo de vigilância, o PC do Esqd C Pqdt permanece em posição central à retaguarda da linha de postos de observação.
- c) É o tipo de vigilância empregado quando a Bda atribui ao Esqd um setor de vigilância na C Pnt Ae.

5.2.7.5.17 Vigilância móvel

- a) Se a vigilância se destina à segurança de uma tropa em movimento, é chamada vigilância móvel.
- b) O Esqd C Pqdt conduz uma vigilância móvel à semelhança de uma flancoguarda móvel, exceto quando aos seguintes aspectos:
 - c) O Esqd não é, normalmente, responsável pela área entre ele a força assegurada;
 - d) O Esqd, em lugar de posições de bloqueio, ocupa sucessivos postos de observação ao longo do flanco exposto.
 - e) O Cmt do Esqd planeja a ocupação dos postos de observação por lanços sucessivos ou alternados dos pelotões.

5.2.7.5.18 Vigilância de combate

a) A vigilância de combate compreende a observação sistemática e contínua de áreas, eixos ou locais, tais como cruzamentos, pontes, aeroportos e outros tipos de instalações específicas. Os fatores que influenciam a vigilância são: as condições de visibilidade, o terreno, as coberturas naturais ou artificiais, as possibilidades de defesa aérea do inimigo e os tipos de equipamentos de vigilância. A vigilância é conduzida por todas as unidades de combate e constituem-se em meio para detecção e localização de unidades, instalações e atividades do Iní.

b) Tipos de vigilância de combate

1) Visual - É executada pelas unidades terrestres e aéreas, particularmente, no cumprimento de missão de reconhecimento e segurança. Informes de valor imediato são transmitidos pelo rádio através dos canais de comando ou de informações, dependendo das ordens estabelecidas pelo escalão superior.

2) Eletrônica - É a vigilância realizada com a utilização de radares de vigilância terrestre e sensores orgânicos, equipamentos infravermelhos, equipamentos de rádio-escuta e outros. As observações feitas por meio dos sensores e radares instalados em aviões são transmitidas diretamente para a estação terrestre, permitindo a máxima rapidez no processamento e avaliação dos informes.

3) Fotográfica - A cobertura fotográfica realizada pelas unidades de cavalaria, executando missões de vigilância, normalmente, é limitada ao emprego de equipamento manual. A cobertura fotográfica aérea é proporcionada pelas unidades da força aérea e, ocasionalmente, pela aviação do Exército.

c) Missões de vigilância de combate - Durante a execução de outras ações, o Esqd C Pqdt pode cumprir as seguintes missões de vigilância de combate:

1) Determinação, pela observação, de atividades significativas do inimigo ou de civis influenciados pelo inimigo;

2) Localização de alvos para emprego de ataques aéreos ou de artilharia, dentro de sua área;

3) Observação e controle de apoio de fogo, orgânico ou não ou aéreos;

4) Localização e identificação de unidades inimigas dentro de sua área de operações;

5) Observação das vias de acesso mais prováveis do inimigo e dos eixos de suprimento;

6) Observação de itinerário e pontos-chave do terreno dentro das áreas de retaguarda inimigas; e

7) Avaliação de danos.

d) Planejamento e conduta de uma vigilância em combate

1) Durante o planejamento de uma operação de vigilância de combate, os fatores da decisão determinam a organização e o dispositivo das forças.

2) O Esqd C Pqdt pode cumprir missões de vigilância de combate como um todo ou por pelotões.

3) O comandante do esquadrão deve empregar a maioria de meios na execução da observação, mantendo uma pequena reserva para auxiliar os elementos que possam ser atacados pelo inimigo.

4) Os princípios aplicáveis à vigilância aplicam-se também à vigilância de combate; apenas nesta, as frentes são normalmente maiores.

5) A destruição de pequenos elementos inimigos, inerente à operação de vigilância, não é obrigatória nas operações de vigilância de combate.

6) Para o cumprimento desse tipo de missão, é adotado num dispositivo linear relativamente estático. A Sec Vig Ter realizando a observação dos pontos mais importantes do setor do Esqd, reforçando ou não um dos Pel.

7) A vigilância é eminentemente passiva. O patrulhamento de eixos, normalmente, não está incluído dentro da missão de vigilância de combate. No entanto, podem ser efetuados bloqueios de estrada nas principais vias de acesso do inimigo.

8) A unidade que realiza especificamente missão de vigilância de combate é responsável apenas pela sua própria segurança. Quando no desenrolar das operações for exigido o emprego de uma força de maior valor do que a necessária às ações de autoproteção, o comandante deve solicitar uma redução da frente anteriormente atribuída. O aumento progressivo das forças inimigas em contato pode obrigar a uma redução da zona de ação ou à execução de um retraimento.

9) Elementos dos pelotões (G Exp, geralmente), podem ser empregados à retaguarda das linhas inimigas.

5.2.7.6 Força de Ligação (F Lig)

5.2.7.6.1 A ligação é uma ação que visa a ocupar um vazio entre duas forças amigas. Essa missão pode ser cumprida pelo Esqd C Pqdt tanto em operações ofensivas quanto em operações defensivas. Nas operações ofensivas iniciais de uma Op Aet como, por exemplo, a marcha para o combate dos BI Pqdt em direção e seus objetivos de assalto, o Esqd (ou um de seus Pel) pode receber a missão de F Lig entre dois Btl que se desloquem por eixos de progressão afastados. Na defensiva, a missão de ligação, em geral, será cumprida simultaneamente, com as de vigilância ou de retardamento, na frente atribuída à unidade. O Esqd pode ainda ser empregado como F Lig entre duas C Pnt Ae estabelecidas pela Bda.

5.2.7.6.2 A amplitude do intervalo entre as forças amigas, o terreno e as possibilidades do inimigo, condicionarão o dispositivo a adotar.

5.2.7.6.3 Durante a realização de operações ofensivas, normalmente, o Esqd recebe um eixo de progressão. Há necessidade de manter o contato físico com os elementos a serem ligados e o planejamento do Esqd deve estar perfeitamente coordenado com esses elementos. Entre os pelotões do esquadrão, o contato poderá ser físico, visual ou pelo rádio.

5.2.7.6.4 Sempre que possível, a SU deve manter uma reserva. Caso contrário, deverá hipotecar elementos em condições de virem a constitui-la.

5.2.7.6.5 A progressão dos elementos de primeiro escalão é controlada de perto pelo comandante do Esqd e é condicionada pela progressão das forças a serem ligadas.

5.2.7.6.6 Durante a progressão, todo o esforço deve ser feito para a destruição do inimigo encontrado. Caso isso não seja possível, deve ser engajado até que se obtenha a permissão para desbordá-lo ou que se receba meios para sua destruição. Qualquer contato estabelecido com a tropa inimiga deve ser imediatamente informado e não poderá ser desfeito sem a autorização do escalão superior.

5.2.7.7 Segurança de Área de Retaguarda (SEGAR)

5.2.7.7.1 SEGAR é o conjunto de medidas e ações, executadas na área de retaguarda, para prevenir ou neutralizar ameaças inimigas e assegurar a normalidade no desempenho das atividades das unidades e instalações ali localizadas.

5.2.7.7.2 Uma força de SEGAR protege as unidades da área de retaguarda, as instalações e ou eixos de suprimentos contra infiltrações e ataques de forças inimigas aeromóveis e de comandos. O comandante da força de SEGAR coordena o emprego com as das demais unidades localizadas na área de retaguarda.

5.2.7.7.3 A força de SEGAR, normalmente, é encarregada dos seguintes tipos de missões:

- a) Segurança de eixos de suprimentos;
- b) Proteção de instalações;
- c) Segurança contra-ataques de forças aeromóveis e, de comandos ou pára-militares e;
- d) Localização, fixação e destruição do inimigo na área de retaguarda.

5.2.7.7.1 Segurança dos eixos de suprimento

a) É remota a possibilidade de emprego do Esqd C Pqdt neste tipo de missão porque nas Op Aet é utilizado o Sup pelo ar diretamente nas áreas de trens (AT).

b) Caso a Bda Inf Pqdt seja empregada como Bda Inf Mtz serão observados os procedimentos do EB70-MC-10.354 (5.2.10.2.2).

5.2.7.7.2 Segurança contra forças aeromóveis e de comandos

a) Quando protegendo uma área de retaguarda contra forças aeromóveis e de comandos, o comandante desdobra seu esquadrão de modo a assegurar uma eficaz neutralização de qualquer ameaça. Normalmente cumpre esta missão pelo estabelecimento de uma rede de postos de observação que cubra os prováveis locais de aterragem de Helcp e de reunião de elementos infiltrados, pelo patrulhamento de toda a área. O restante do esquadrão é mantido em posição central, de onde possa deslocar-se rapidamente para qualquer parte da área.

b) Ao receber a missão de defender uma área contra ataques de forças aeromóveis ou de comandos, o comandante do esquadrão reconhece sua área e seleciona os prováveis locais de aterragem (L Ater) de tropas aeromóveis inimigas e áreas de reunião clandestina de forças de comandos. Baseado neste reconhecimento planeja onde estabelecer os postos de observação, os itinerários das patrulhas e as prováveis zonas de reunião para sua reserva.

c) As VBL e a Seç MAC, normalmente, constituem-se em reserva, localizada em posição central ou orientada para a parte mais importante da área. Os postos de observação e a patrulhas são constituídos, inicialmente, pelos exploradores.

d) A chave do sucesso contra forças aeromóveis é o rápido desdobramento e a colocação do máximo de fogo sobre elas durante a aproximação, aterragem e reorganização. Pode, inclusive, ser necessário e desencadeamento de ataques parcelados.

e) Elementos aéreos, se disponíveis, podem ser empregados na vigilância de combate periódica da área de retaguarda e no conhecimento dos prováveis L Ater.

5.2.7.7.3 Segurança de instalações

a) O Esqd C Pqdt (ou seus pelotões, isoladamente), pode ser empregado para cumprir a missão de proteger determinada instalação ou conjunto de instalações na área de retaguarda da Bda Inf Pqdt, ou outro local qualquer. O elemento de cavalaria Pqdt encarregado desse tipo de missão adota um dispositivo semelhante ao de defesa circular. O comandante assegura o alerta contra a aproximação do inimigo pelo estabelecimento de um sistema de postos de observação em torno da instalação, contínuo patrulhamento e, quando disponíveis, meios aéreos são empregados para vigilância de combate.

b) Se todo o Esqd é empregado na missão, o Cmt normalmente divide o setor entre dois Pel, com o outro pelotão sendo mantido em reserva. Os morteiros são grupados sob o controle direto do Esqd, e mantidos em posição central; os fogos são planejados sobre as vias de acesso mais prováveis do inimigo, em particular sobre aquelas que forneçam boas cobertas para aproximação de elementos a pé. Um dos pelotões em posição é reforçado com o G Exp do Pel em reserva. A Sec Vig Ter recebe um setor de vigilância de combate, ou reforça um dos pelotões.

c) Posições de bloqueio sobre as principais vias de acesso são reconhecidas e preparadas, mas não ocupadas de início.

d) Pontos de ligação são determinados e localizados à frente e entre os PO. O patrulhamento é executado a pé ou embarcado, tanto no interior da instalação quanto entre os pontos.

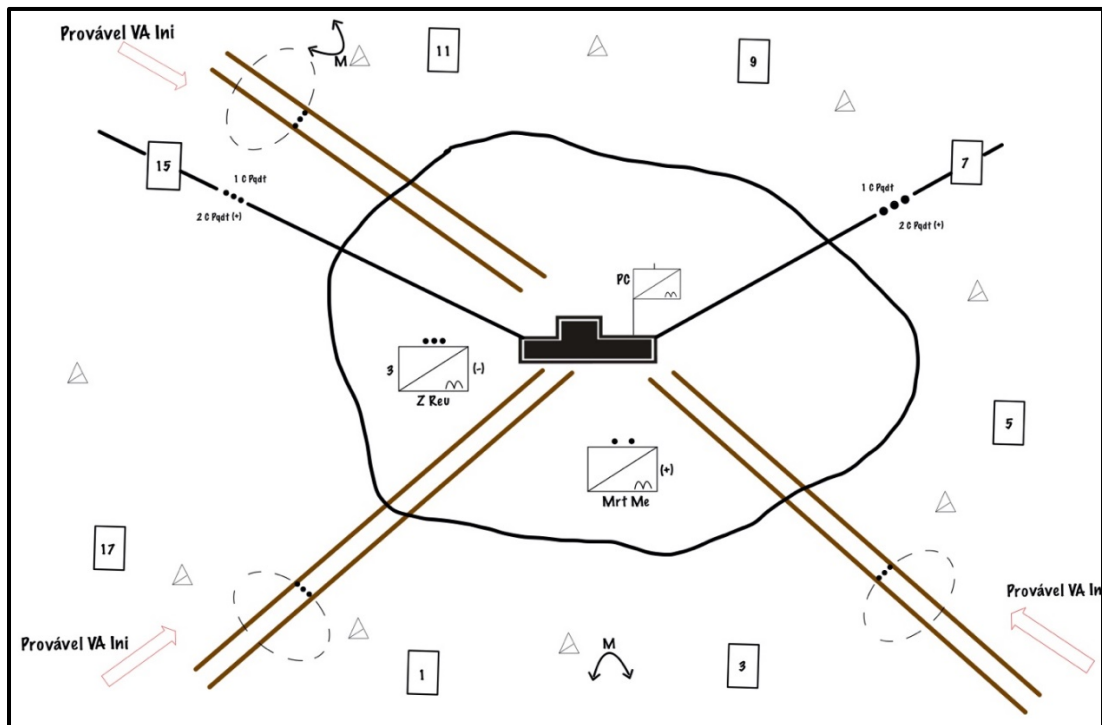


Fig 5-7 — Esquema de manobra do Esqd C Pqdt na segurança de uma instalação.

5.2.7.7.4 Planejamento e execução de uma missão de SEGAR

a) O comandante do Esqd, como força de SEGAR, reconhece sua zona de ação e determina:

- 1) acidentes capitais a serem defendidos;
- 2) localização das instalações a serem protegidas;
- 3) prováveis locais de aterragem de força aeromóveis;
- 4) prováveis áreas de reunião clandestina ou de homizio de tropas de comandos ou forças pára-militares.

b) Baseado no reconhecimento, no estudo das possibilidades do inimigo, nos meios disponíveis, no terreno, na missão e no tempo, o comandante estabelece um plano de SEGAR. Os principais tópicos do plano são a seguir enumerados:

- 1) vigilância de área de responsabilidade;

- 1) operações contra forças de comandos;
- 3) controle de população civil em conexão com a 5ª Seção do escalão superior;
- 4) sistema de alerta, incluindo verificações periódicas de todos os meios de comunicações e das ações a serem executadas, em caso de alerta, pelas unidades e instalações da área;
- 5) proteção às instalações-chaves e aos eixos de suprimento e
- 6) planos alternativos para todas as operações.

c) O comandante da força de SEGAR é responsável pela coordenação das operações com as unidades e instalações de sua área de responsabilidade pela segurança local. Deve ser mantida estreita ligação com estes comandos para mantê-los informados sobre o desenrolar das operações e obter deles as informações sobre as atividades inimigas em suas áreas.

d) A força de SEGAR pode estabelecer uma posição defensiva, o que é o ideal. Se a área a ser protegida for muito grande para o estabelecimento de uma posição defensiva, será coberta por uma rede de PO para manter sob observação os itinerários e instalações a serem protegidos e os prováveis locais de aterragem de força aeromóveis inimigas, selecionados pelo reconhecimento inicial.

5.2.7.8 O Esqd C Pqdt ocupando Postos Avançados Gerais

5.2.7.8.1 Os PAG são mobiliados por uma força de segurança de área que atua à frente dos PAC e a uma distância considerável da L C Pnt Ae. Os PAG são guarnecidos por um grupamento de armas combinadas. Entretanto o Esqd C Pqdt, quando apoiado, poderá receber a missão de estabelecer os PAG. Para o cumprimento dessa missão, o esquadrão deverá ser apoiado com Pel AC, Pel Eng e Bia Art, a fim de reunir as capacidades necessárias ao cumprimento da missão e executar uma ação retardadora limitada.

5.2.7.8.2 Quando a frente dos PAG for muito extensa, o Cmt Esqd C Pqdt deve aumentar o intervalo entre os Pel C Pqdt. Esses intervalos deverão ser cobertos por observação, com apoio dos meios da Seç Vig Ter e batidos por fogos.

5.2.7.8.3 Cabe destacar que nas operações aeroterrestres, a Cia Prec Pqdt é a principal responsável por mobiliar os PAG em prol do escalão superior, no entanto, este fato não exclui a capacidade do Esqd C Pqdt em ser empregado nesse tipo de força de segurança.

5.2.7.8.4 Neste tipo de missão o Esqd poderá utilizar todos os seus meios disponíveis para monitoramento e RIPI em prol da força em proveito da qual opera.

5.2.7.9 O Esqd C Pqdt ocupando Postos Avançados de Combate

5.2.7.9.1 O Esqd C Pqdt poderá receber a missão de mobiliar PAC de seu Esc Sp, devendo ser empregado na ADA da P Def, lançando seus próprios PAC à frente de suas Z Aç.

5.2.7.9.2 A missão geral do Esqd C Pqdt, como PAC, será garantir contínua segurança ao longo de toda frente que lhe for atribuída. A composição detalhada dos PAC será determinada pelo Cmt Esqd C Pqdt, dentro das limitações da SU e impostas pelo escalão Sp.

5.2.7.9.3 O apoio de artilharia de campanha e morteiros pesados aos PAC provém, normalmente, do interior da L C Pnt Ae. Quando isso não é possível, os elementos de apoio de fogo poderão ocupar posições a frente da L C Pnt Ae.

5.2.7.9.4 O Esqd deverá manter contato com elementos de segurança terrestre que estiverem à frente do PAC (PAG, F Cob), caso a Bda não estabeleça essa ligação. Nesse caso, a presença dessas forças permite que os PAC tenham seu valor reduzido, devendo permanecer em posição o efetivo e meios suficientes para patrulhar e observar o terreno à frente.

5.2.7.9.5 Se não houver elementos amigos à frente, devem ser empregadas patrulhas avançadas para estabelecer e manter o contato com o inimigo. Os PAC não devem se engajar em combate aproximado e retraem por itinerários previamente reconhecidos.

5.2.7.9.6 O Esqd C Pqdt deverá estabelecer seus postos de vigilância em posições do terreno que devem:

- a) proporcionar profundos campos de observação e de tiro (crista topográfica);
- b) proporcionar obstáculos na frente e nos flancos;
- c) possuir itinerários de retraimento desenhados das vistas e fogos do inimigo ;
- d) possuir posições cobertas e abrigadas;
- e) impedir a aproximação terrestre aproximada e os tiros diretos sobre a L C Pnt Ae;
- f) estar dentro da distância de apoio dos elementos da ADA; e
- g) controlar todas as Via A do inimigo.

5.2.7.9.7 O Cmt Esqd C Pqdt (quando todo esqd ocupar PAC), ou da tropa que guarnece PAC, deve informar com oportunidade aos Cmt das tropas na L C Pnt Ae sobre seus planos e a hora prevista para o retraimento. Para evitar sua captura ou destruição, a tropa que estiver guarnecendo os PAC poderá retrair por iniciativa própria, após haver cumprido sua missão.

5.2.7.9.8 Todo esforço deverá ser feito para manter os interessados informados do retraimento do PAC.

5.2.7.9.9 Esse contato com as forças na L C Pnt Ae é importante para acolhimento dos PAC, e para o planejamento conjunto dessa ação (por quem acolhe e por quem é acolhido). Devem ser estabelecidas medidas de coordenação, como emprego de artifícios pirotécnicos e outros meios visuais para sinalização, além das marcações normais de combate para as viaturas das frações que retraem pela P Def, para se evitar fratricídio.

5.2.8 OPERAÇÕES DE RECONHECIMENTO

5.2.8.1 O Reconhecimento (Rec) não constitui em uma operação em si mesmo. Trata-se de uma ação, conduzida no desenrolar de uma operação (básica, complementar ou outra), pelo emprego de meios terrestres ou aéreos com o propósito de obter informes sobre o inimigo e área de operações.

5.2.8.2 A ação de Rec pode ser enquadrada de duas formas, que são diferentes na finalidade e no valor da tropa empregada, mas seguem os mesmos fundamentos e TTP, conforme o Manual EB70-MC-10.354 Regimento de Cavalaria Mecanizado.

Anexo D – Memento de Decisão do Esqd C Pqdt nas ações de Segurança

D-1. O Esqd C Pqdt com F Ptç Flc

A fim de cooperar com a Bda Inf Pqdt em sua M Cmb, o 1º Esqd C Pqdt irá proteger o Flc _____ da Bda Inf Pqdt, da L Ct _____ até a L Ct _____ entre as L Ct _____ e _____ devendo para isso:

- a) Dlsc pelo ltn Prog _____ na Dire G _____;
- b) Emp como Vg o 1º Pel C Pqdt para reconhecer o terreno e o lni entre as L Ct _____ e _____;
- c) APD P Ct _____, Mdt O, Emp o 2º e o 3º Pel C Pqdt para reconhecerem as posições de P Bloq _____, _____, _____ e _____, ficando ECD Ocp e mantê-las;
- d) Dslc os demais elementos do Esqd pelo ltn Prog _____, a esteira do último Pel C Pqdt, devendo Ocp as R Dstn constantes no Clc Op;
- e) Lig com Elm da Bda Inf Pqdt nos P Lig _____, _____, _____ e _____;
- f) Proteger grosso de ações lni capazes de surpreendê-lo; e
- g) Em final de Mis, proteger o Flc _____ da Bda Inf Pqdt, entre as L Ct _____ e _____, ficando ECD Pross para _____.

D-2 – O Esqd C Pqdt como F Ptc Vgd

A fim de cooperar com a Bda Inf Pqdt em sua M Cmb, o 1º Esqd C Pqdt realizará uma M Cmb a partir da L Ct _____, em _____, constituindo a vanguarda da Bda Inf Pqdt, pelo E Prog _____, para isso:

- a) Dslc pelo Itn Prog _____, na Dire G _____ / _____;
- b) Emp como Vg o 1º Pel C Pqdt para reconhecer o terreno e o Ini entre as L Ct _____ e _____;
- c) A partir do P Ct _____, Mdt O, empregará o 1º Pel C Pqdt, pelo E Prog _____, na direção geral _____ para conquistar a R Altu _____ (O1);
- f) A partir da P Ct _____, Mdt O, manterá o 3º Pel C Pqdt como reserva;
- g) Dslc os TC do Esqd pelo E Prog _____, Ocp as R Dstn conforme Clc Op; e
- h) após a Conq de O1, ficar ECD Pross para o _____ pelos E Prog _____ ou de Mnt para Ap Ultr da _____. O ____/____ Cia E Cmb Pqdt Rlz Trab de contramobilidade com Prio para a Z Aç do 1º Pel C Pqdt.
2. Prioridade de fogos para o _____ entre as L Ct _____ e _____ . A partir da _____ até a Conq de O1:
- ____/____/____ GAC Pqdt: Prio F para o _____;